ILUSTRAÇÃO

N.º 288 — 12.º ano

FÔGO ENTRE GÊLO

16-DEZEMBRO-1937

PREÇO-5 escudos

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

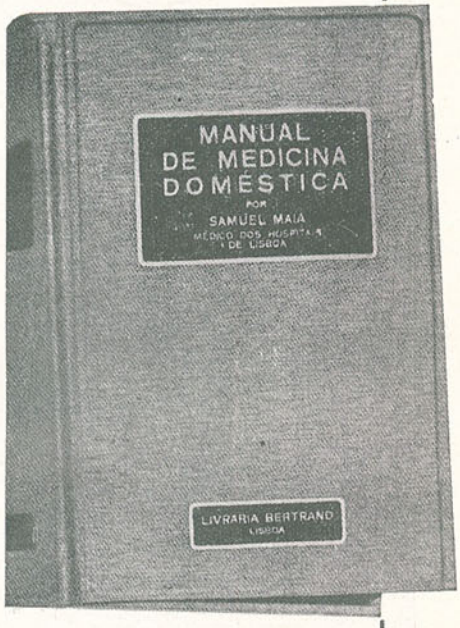
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica,** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre,** qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência,** ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente,** recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA,** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

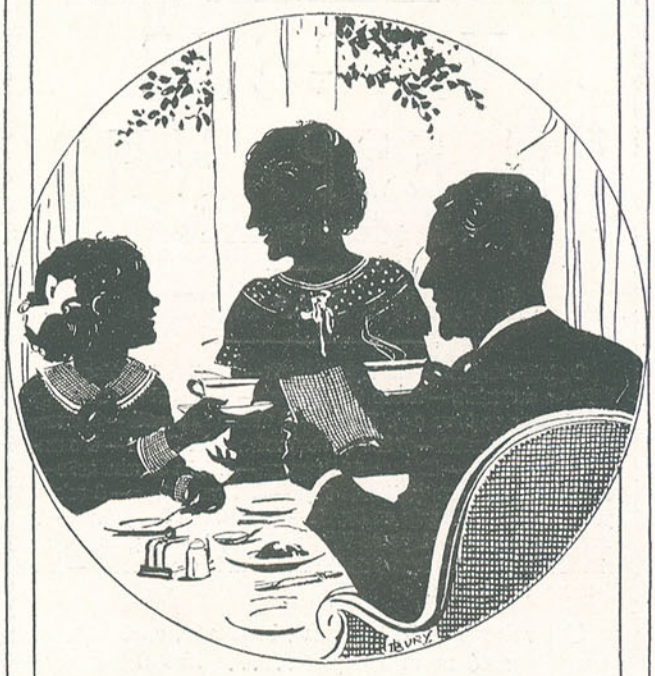
ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL – Rua da Alegria, 3o – Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração – Rua Anchieta, 31, 1.º – Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Comece o dia com

'OVOMALTINE'

a bebida
que lhe dá a si e aos seus,
saúde e energia

À venda em todas as Farmácias, Drogarias e Mercearias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata
DR. A. WANDER S. A. – BERNE
ÚNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL:
ALVES & C.ª (IRMÃOS) – RUA DOS CORREEIROS, 41-2.º – LISBOA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

Venda em todas as Pharmacias

A aparecer:

EUGÉNIO DE CASTRO

ÚLTIMOS VERSOS

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 – LISBOA

9 HORAS da manhã

...já não preciso de me empoar hoje!

Os homens detestam ver uma senhora a empoar constantemente o nariz. Mas mais duma pensa que não existe outro meio de impedir que a pele se torne brilhante e luzidia. No entanto, eu reparei que, quando um bom pó de arroz está misturado com a «mousse de crème», como no Pó Tokalon à base de «mousse de crème», segura-se durante o dia inteiro, apesar do vento, da chuva ou mesmo dansando-se numa sala de baile aquecida.

Embora aderente e invisível, o Pó Tokalon com «mousse de crème» é um maravilhoso tónico da pele, estimulando os tecidos e não obstruindo nunca os póros. Agora, tenho sempre um rosto aveludado, claro e delicado, que as raparigas invejam e que os homens tanto admiram. O homem que recentemente me pediu em casamento disse-me que foram a minha pele e tez maravilhosa que, primeiro que tudo, o seduziram.

À venda nas perfumarias e boas casas do ramo
Não encontrando dirija-se à AGÊNCIA TOKALON
88, Rua da Assunção — LISBOA
que atende na volta do correio.

Novidade literária

ROLÃO PRETO

REVOLUÇÃO ESPANHOLA

ASPECTOS - HOMENS - IDEIAS

Depoimento sôbre a guerra civil espanhola e o movimento da falange nacional-sindicalista

1 vol. de 214 págs. ilustrado, broc., **Esc. 10$00**
Pelo correio à cobrança . . . . . **Esc. 11$50**

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

VIAGENS EM ESPANHA

POR **JÚLIO DANTAS**

Á VENDA O 3.º MILHAR

O pórtico da glória — La maja desnuda — Os bôbos de Velásquez — Galiza e a saudade — Mósen del Sevillano — A Aljaferia de Saragoça — Princezas de Moro e de Ticiano — O túmulo de Rosalia — A armadura de D. Sebastião — O luar de Pontevedra — La Tirana — Las mujeres son buenas — Bárbara de Bragança — Rainha de uma noite — Carlota Joaquina num quadro de Goya — A língua galega — A rainha peregrina — El Português en Sevilla — A loucura de Don Quixote — O castelo do rouxinol — Lopo de Vega em Portugal — Um português na obra de Cervantes — Puente de Bárzia — Toledo e o "Greco" — Los desastres de la guerra.

Um volume de 312 páginas, brochado, com capa a côres, oiro e prata..... 12$00
Pelo correio à cobrança... 14$00

Pedidos aos editores: **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA A 4.ª EDIÇÃO

Donas de tempos idos

pelo CONDE DE SABUGOSA

D. Maria Pia, a «Ribeirinha» — D. Beatriz, Condessa de Arundel e de Huntingdon — D. Leonor de Áustria — D. Beatriz de Sabóia — As metamorfoses da Infanta — D. Francisca de Aragão — El-Rei D. Sebastião e as mulheres — Catarina de Bragança, Infanta de Portugal e Rainha de Inglaterra — D. Isabel de Portugal.

1 vol. de 332 págs., broc. . . . . **12$50**
Pelo correio à cobrança **14$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Á VENDA

a 3.ª edição, corrigida, de

O Romance de Amadis

reconstituido por **Afonso Lopes Vieira**

1 volume de 230 páginas, ilustrado, brochado..... **15$00**
Pelo correio, à cobrança ..... **16$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRANDE SORTIMENTO

LIVROS

São os melhores brindes do Natal

ÚTEIS — VALIOSOS — DURADOIROS

Livros de tudo e para todos, nacionais e estrangeiros — Colecções próprias para crianças — Obras de arte, de medicina, de literatura em magníficas encadernações — Livros de aventuras, de viagens, etc.

Façam os seus pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O sindroma de Adams-Stokes

PELO

DR. EDUARDO COELHO
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 × 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. **25$00**
Pelo correio à cobrança, Esc, **27$00**

Á venda em tôdas as livrarias

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um grande sucesso de livraria

ACABA DE APARECER
A NONA EDIÇÃO, REVISTA
11.º MILHAR

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**
Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um volume de 378 páginas, brochado, com capa a côres e oiro ..... **12$00**
Pelo correio à cobrança ..... **13$50**

Pedidos aos editores:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA OS ÚLTIMOS EXEMPLARES
Dentro de poucos dias estará esgotado o

ALMANAQUE BERTRAND

para **1938**

39.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Coordenado por M. FERNANDES COSTA

Unico no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 422 gravuras, cartonado ..... **10$00**
Encadernado luxuosamente ..... **18$00**
Pelo correio à cobrança mais 2$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

NOVIDADE LITERÁRIA

Acaba de aparecer:

S. BANABOIÃO, ANACORETA E MÁRTIR

novo romance de **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 330 págs., broch. **Esc. 12$00** — Pelo correio à cobrança **Esc. 13$50** — À venda nas livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73-LISBOA

Feliz e sem dôres graças á

Cafiaspirina BAYER

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., 17$00; broc., 12$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR **ISALITA**

1 vol. encadernado com 351 págs.,
25$00

Depositária: **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O BÉBÉ

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca

Um formosíssimo volume ilustrado
6$00

Depositária: **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

N.º 288 — 12.º ANO
16-DEZEMBRO-1937

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

NATAL! NATAL!

SE Jesus voltasse, quantos Herodes se levantariam hoje a perseguí-lo como nos tempos de Tibério?

Tudo leva a crêr que a perseguição deveria ser mais apertada ainda, atendendo ao extraordinário desenvolvimento da perversidade humana.

E a prova está no desprêso absoluto que os próprios países cristãos manifestam pelos sublimes ensinamentos do meigo Rabbi galileu.

Se alguns dos fariseus entenderam que os salutares ensinamentos de Cristo envolviam blásfemia contra a letra das Escrituras; se outros se convenceram de que o Sermão da Montanha brotara dos lábios dum visionário que tomava utopias ardentes por frias realidades, o que pensariam os julgadores de agora?

Se muitos espíritos de hoje anatematizam a falta de coragem de Pilatos que, em último recurso, se limitou a "lavar as mãos do sangue dêsse justo", onde encontrariam actualmente quem tivesse a audácia de esboçar, ao menos, o gesto de mandar buscar a escudela?

É que a humanidade não se decidiu nunca a seguir os ensinamentos de Jesus que sempre preconizou a fraternidade entre os homens, antes tem ultrapassado em malvadez os mais ferozes guerreiros de há vinte séculos.

O Presépio — de Bernardino Luini (Museu do Louvre)

No entanto, a humanidade vai festejar mais uma vez o Natal de Jesus, embora não esteja muito disposta a cumprir o preceituado nos Evangelhos. Quando se alude à matança dos inocentes, ordenada por Herodes, todo o mundo actual se confrange, esquecendo que as guerras de hoje arrazam num minuto cidades indefesas e que entre os seus escombros ficam sepultadas criancinhas que ainda mal balbuciam!

Não será isto uma nova matança dos inocentes?

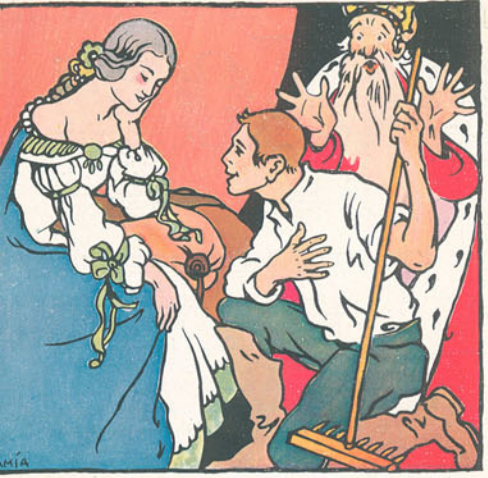
Se Jesus voltasse...

Mas o divino Rabbi não voltará.

Resta-nos a esperança de que o homem, um dia, racionando por fim, tenha, ao menos, o impulso generoso do cão que se atira à água para salvar o dono que o maltrata.

Pode ser que a Humanidade se aperceba, em dado momento, do caminho errado que vem seguindo, e tenha a convicção, por fim, de que o Mundo é ainda suficientemente vasto e produtivo para todos os seres viventes. Se "não há pior cego do que aquele que não quere ver", pode ser que, um dia, se lhe faça luz.

E, à falta de melhor, viver numa esperança é anestesiar a dor das mais pungentes desilusões.



HISTÓRIA DO PAPAGAIO REAL

No tempo do meu avô — começou o papagaio — vivia na Capital dos dos seus reinos, um rei muito patusco e pançudo que se chamava Jagodes.

Tinha êsse rei a mania de julgar-se um lindo homem e de que tôdas as mulheres se apaixonavam por êle. Mas as mulheres que o achavam trombudo e feio como um ouriço, fugiam dêle a sete pés, fazendo-lhe a maior das troças.

Por isso el-rei D. Jagodes, a-pesar-de já não ser moço, vivia ainda solteiro, muito aborrecido em palácio, jogando as cartas, tocando viola ou remirando-se ao espelho; e o que mais o divertia, era saír ao campo a caçar.

Um dia o seu chanceler disse-lhe que ia sendo tempo de se casar, para haver filhos e dar ao trono um herdeiro.

El-rei D. Jagodes concordou; e para escolher por mulher a mais linda rapariga dos seus reinos, ordenou dar um baile em palácio, para o qual convidaria tôdas as meninas bonitas que houvesse nos seus Estados. Se alguma se recusasse, seria encarcerada na mais escura prisão e condenada a viver tôda a vida a pão e água.

Assim que se botou tal pregão, tôdas as meninas casadoiras, umas por mêdo e outras por toleima, trataram de preparar o seu mais lindo vestido, os seus sapatos mais finos e as suas mais ricas jóias, para brilharem no baile. O rei, mais tôlo que nunca, passava todo o seu tempo, numa azáfama medonha, a ralhar com alfaiates, a ralhar com sapateiros, a provar dúzias de fatos e a comprar tôdas as jóias que os ourives lhe levavam.

Chegou a noite do baile. O palácio e os jardins reais rebrilhavam de mil fulgôres. Músicos tocavam à maravilha em flautas e violas. As grandes salas nobres, tôdas forradas de espelhos, resplandescentes de luzes e atulhadas de flores, encheram-se das mais lindas raparigas do reino. E só o rei, amesendado no trono, coberto de oiro e de jóias, rebrilhante como um sol, parecia mais patusco e trômbudo que um chimpanzé.

Ora pela meia noite, depois que tôdas as meninas desfilaram diante do trono, foi realmente a mais formosa de tôdas — uma chamada Florinda — que o rei afinal escolheu.

Desceu então do seu trono, curvou-se a beijar-lhe a mão e convidou-a a dançar. Depois, quando acabou a dança, fê-la sentar no trono a seu lado. E mandou fazer silêncio, para dizer em voz alta que era aquela a preferida.

Mas Florinda estava noiva. O seu noivo era um capitão de navios, moço alegre e gentil, que andava no mar há três meses, navegando em seu navio, ganhando e juntando dinheiro, para à volta se casar.

De joelhos, Florinda contou tudo isto ao rei. O pai, a mãi, as irmãs, os parentes, os visinhos, todos à uma juraram que assim era.

Mas o rei não se importou. Casmurro, cheio de ciúmes, com mêdo que ela fugisse, logo ali deu as suas ordens para que Florinda ficasse a morar nos reais paços até ao dia das bôdas. Viveria na melhor sala; teria quantas criadas quisesse para a servirem; e logo no dia seguinte as melhores costureiras viriam tratar-lhe do enxoval.

Então Florinda, tristíssima, despediu-se da família e lá ficou no palácio.

Pouco tempo depois, chegava à cidade no seu lindo navio o noivo da pobre Florinda.

Assim que desembarcou, soube logo pelos amigos que o rei lhe roubara a noiva.

Alguns dias andou, caído em grande tristesa, mas quando foi avisado de que o rei o queria prender, disfarçou-se em jardineiro e apresentou-se em palácio.

O rei mandou-o subir e preguntou-lhe:

— Que queres tu de mim?

— "Real senhor, sou jardineiro e quero servir Vossa Alteza!"

O rei gostou dêle, aceitou; e já nessa mesma tarde o noivo da pobre Florinda começou regando o jardim.

Não tardou muito que Florinda, passeando com suas aias, reconhecesse o seu noivo.

Mandou-o subir ao seu quarto, e ali então combinaram como haviam de encontrar-se todos os dias, para estudarem o modo de fugirem do palácio.

Ora o noivo da Florinda tinha trazido consigo um papagaio do Brasil, todo azul e amarelo, que palrava à maravilha.

Pendurou a gaiola à janela, e quando o rei ia a saír, preguntava o jardineiro:

— «Papagaio real,
Quem passa?»

E o papagaio respondia:

— «É o rei que sáe
Á caça»

Então subia logo para o quarto da Florinda, e ali passavam a tarde, conversando e namorando.

Ao fim da tarde, quando ouvia a cavalgada, tornava o noivo a perguntar:

— «Papagaio real,
Quem passa?»

E o papagaio avisava:

— É o rei que vem
Da caça!

Já o jardineiro sabia que vinha o rei a caminho. Saltava pela janela e deixava-se caír no jardim.

Durou isto muitos dias, até que uma bela manhã o papagaio adoeceu. De modo que ao voltar da caça, como o papagaio não deu aviso, foi o rei apanhar de surpresa o maroto do jardineiro a namorar a Florinda.

Furioso, o rei correu sôbre êles; mas o capitão de navios, que era leve como um gamo, saltou pela janela fora e ninguém mais o viu. A Florinda disse ao rei que estava a pedir ao jardineiro um lindo ramo de flores para o dia do casamento. E o rei acreditou e calou-se.

Passados mais alguns dias, bateu à porta do palácio um homem de barbas postiças, vestido de cozinheiro.

Queria falar ao rei, e o rei mandou-o subir.

— "O que queres tu de mim?"

— "Real senhor, sou cozinheiro e quero servir Vossa Alteza!"

O rei, para o experimentar, mandou-lhe fazer arroz doce; provou, achou saboroso, e aceitou o cozinheiro.

Era outra vez o noivo de Florinda que assim se tinha disfarçado para voltar ao palácio e combinar com a noiva a maneira de fugirem.

No dia seguinte, Florinda, indo à cozinha ver o novo cozinheiro, reconheceu logo o noivo.

Da mesma forma que dantes combinaram a maneira de todos os dias se verem; e como já o papagaio estivesse bem de saúde, tornaram à mesma marosca.

Mal que o rei saía à caça, preguntava o cozinheiro:

— «Papagaio real,
Papagaio real,
Quem passa?»

E o papagaio à janela, vá de palrar muito sério:

— «É o rei que sáe
Á caça!»
Crrú!...

Quando à tarde a cavalgada surgia ao longe no caminho, preguntava o cozinheiro:

— «Papagaio real,
Papagaio real,
Quem passa?»

E o papagaio dizia:

— É o rei que vem
Da caça!»

Tanta vez isto se deu, que já Florinda e seu noivo andavam a preparar em segrêdo a maneira de fugirem. Mas um dia o papagaio, entretido no poleiro a catar o piolhinho, não deu pela entrada do rei. De modo que indo à cozinha mandar assar um perú, o bom do rei encontrou o seu cozinheiro e a Florinda esquecidos à palestra em grande embevecimento.

Mais furioso que nunca, pegou o rei na maior das caçarolas e atirou-lha à cabeça. Mas o capitão de navios trepou pela chaminé e foi saír ao telhado; emquanto a pobre Florinda, ajoelhada aos pés do rei, lhe disse que estava aprendendo a fritar bôlos de mel.

Ainda o rei acreditou e tornou-lhe a perdoar.

Aproximava-se o dia do casamento real. O capitão de navios já bem pouco tempo tinha para fugir com a noiva. E teve então a grande ideia de se apresentar em palácio, disfarçado de cocheiro.

O rei mandou-o subir e preguntou-lhe:

— "Que queres tu de mim?"

— "Real senhor, eu sou cocheiro e quero ter a honra de vos levar à igreja, em vosso côche de gala, no dia do casamento".

Mandou o rei atrelar os cavalos ao seu coche, ordenou-lhe que os guiasse, e vendo que era bom cocheiro, ao seu serviço o tomou.

Tornou a vê-lo Florinda e logo o reconheceu. Novamente o papagaio, quando o rei saía à caça, palrava do seu poleiro:

— «É o rei que sáe
Á caça».

E à tardinha, como dantes, avisava os namorados:

— «É o rei que vem
Da caça».

Mas já não havia tempo de prepararem a fuga, porque entretanto chegara o dia do casamento.

Revestiu-se o rei dos seus ricos trajos de gala, pôs aos ombros o grande manto de arminho, enfiou na cabeça a pesada corôa de oiro e assim tomou pelo braço a pobre e triste Florinda que vinha vestida de noiva, tôda de branco, a arrastar um longo véu, linda como as estrêlas.

Á porta do palácio real já estava atrelado o côche que os levaria à igreja. Na rua apinhava-se o povo, gritando: "Vivam os noivos! Vivam os noivos!" Estalavam foguetes no ar; nas igrejas os sinos tocavam; havia músicas e flores por tôda a parte. Era uma alegria geral.

Só o papagaio à janela, no seu poleiro palrava:

— «Papagaio real,
Papagaio real,
Quem vem lá?
É o rei que vai
Caçar.
Quem sabe se caçará!

Entraram os noivos no côche e foram para igreja. Mas a meio do caminho, em vez de os levar à igreja, o cocheiro virou à esquina; e, pegando no chicote, tanto zurziu os cavalos que os fez correr a galope por uma estrada real.

Dentro do côche o rei gritava que enrouquecia:

— "Pára, pára, cocheiro, que não vais bem no caminho!"

Mas o cocheiro ia surdo; cada vez zurzia mais os cavalos e só fez parar o côche muito longe da cidade, à porta duma estalagem.

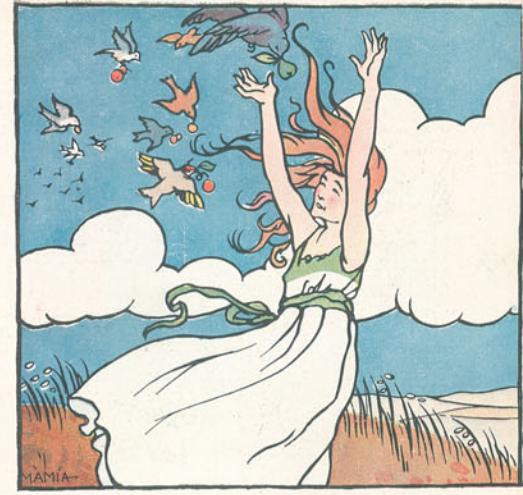
Então o bom do cocheiro (que outro não era senão o capitão de navios) apeou-se, fez saír o rei do côche, e disse-lhe muito risonho:

— "Agora, real senhor, vamos trocar as farpelas!"

Muito resistiu o rei, gritando e barafustando; mas sòzinho ali na estrada, desamparado de todos, não teve afinal mais remédio senão obedecer, vencido.

O capitão de navios vestiu o manto real e enfiou na cabeça a pesada corôa de oiro; e o pobre rei D. Jagodes pôs-se em libré de cocheiro, de chapéu alto e chicote. Então saíu da estalagem, com sua tesoura afiada, um mestre-barbeiro famoso que cortou a D. Jagodes cabelo, bigode e barba. E quando tudo pronto, o capitão de navios, vestido de rei coroado, entrou no côche com a noiva; e D. Jagodes, coitado, de chapéu alto e chicote, na boleia se sentou para guiar os cavalos.

Voltou o côche à cidade e foi direito à igreja.



Ninguém conheceu D. Jagodes no seu trajo de cocheiro; mas todos, ao verem Florinda ao lado dum rei tão guapo, de manto e corôa, diziam uns para os outros, pasmados:

— "O rei está muito mais novo! O rei está muito mais lindo!"

Assim acabou nesse dia o casamento real.

O capitão de navios é que ficou sendo o rei; a sua noiva Florinda deu uma linda raínha; e por mais que D. Jagodes gritasse e barafustasse, dizendo que não era cocheiro, ninguém o acreditava.

Só o papagaio matreiro, empoleirado à janela, passava os dias palrando:

— «Papagaio real,
Papagaio real,
Quem passou?
— Foi o rei, foi o rei
Que não caçou.»

CARLOS SELVAGEM.

(Do novo livro *Papagaio Real*).

ÚLTIMOS VERSOS

O grande Poeta Eugénio de Castro vai publicar um novo livro que intitula de Últimos Versos.

É possível que o desalento levasse o glorioso homem de letras a desejar soltar o seu «canto do cisne». Não há de ser assim. Fazemos votos para que o título do livro se justifique apenas na indicação de versos feitos ultimamente.

A lira de oiro em que vibraram os Oaristos *conserva ainda tôdas as suas cordas harmoniosíssimas.*

È grande a dôr do Poeta!

Ferido, no praso de onze dias, pela morte da filha estremecida e duma netinha que adorava, o lírico genial surge-nos grandioso na sua dôr cruciantíssima, e tão vigoroso como nos belos tempos da Sombra do Quadrante:

COM UMA CRUZ EM CADA OMBRO

— «Avô, como é que a gente vai p'ra o céu?»
Preguntou-me ela, de surprêsa, um dia,
E eu, confuso, a fingir que a não ouvia,
O peito lhe apertei de encontro ao meu.

E ela insistiu. — «Não sei!» respondi eu
À pregunta que tanto me afligia.
— «Eu julgava que o avô tudo sabia...»
E, ante a minha ignorância, emmudeceu.

Aterrou-me a infantil curiosidade,
Tendo o pressentimento, nessa hora,
Da desgraça que emfim me aconteceu...

Zèzinha, meu amor! Da Eternidade,
Tu é que podes responder-me agora:
— Filha, como é que a gente vai p'ra o céu?

A meio da doença cruciante,
No vivo empenho de a animar ainda,
Comprei-lhe uma boneca muito linda,
Que ela teve nas mãos um só instante.

Mas teve-a em suas mãos, e isso é bastante
Para que eu, muita vez, com mágoa infinda,
Beije a boneca, apetecendo a vinda
Da morte maternal, pacificante.

Pobre boneca! Ao ver meu desatino,
Mostrar pareces tal desconfiança,
Que eu nem me atrevo a defrontar-me ao espelho.

E tens razão: erraste o teu destino!
Em vez de fazer rir uma criança,
Fazes chorar agora um pobre velho!

À primeira lançada que me deste,
Endoideci!... mas, recobrando o tino,
De joelhos me pus, entoando um hino
À tua santa glória, ó Pai Celeste!

Como é que tu, Deus justo, recebeste
A humilde aceitação do meu destino?
Num rude gesto de furor divino,
Com segunda lançada me abateste!

Louvado sejas tu! De novo ajoelho!
Mas dize: esta amaríssima tristeza
Terá vindo em verdade das mãos tuas?

Sabendo bem como eu estou fraco e velho,
Também sabias quanto uma cruz pesa,
E, em vez de uma cruz só, deste-me duas!

Eugénio de Castro

ACTUALIDADES ESTRANGEIRAS

Ernst Baier, famoso campeão de patinagem treinando-se para a grande prova em que mais uma vez manifestou as suas prodigiosas faculdades

Barbara von Kalckreuth trabalhando no seu atelier no busto do Führer, após o seu regresso dos Estados Unidos

Um exemplar da exposição de caça de altanaria realizada há dias em Berlim, e à qual concorreram trinta nações

O barco à vela «Kommodore Johnsen» em que a nova geração alemã se instrue activamente, preparando-se para o futuro

Um aspecto dos novos altos fornos que a Alemanha põe em laboração

O piloto dr. Wurster que bateu o «record» de velocidade (567,115 à hora)

Um encontro no alto mar: gente pacífica com um barco de guerra

Laura Junot, segundo uma litografia da época

ARCADES

A embaixatriz

envenenada com flores

A curta permanência de madame Junot em Lisboa foi sempre salpicada de episódios tão picarescos que chegaram a ultrapassar em chiste as galegadas de Lannes, mesmo depois dêste ser compadre do príncipe regente de Portugal.

Por isso, as centenas de páginas que essa senhora dedicou ao nosso País valem bem o tempo perdido a lê-las, embora nos môam, por vezes, o bicho do ouvido com uma cega-rega de exageros quási tão monstruosos como a sua nobreza bizantina.

Surgem ali episódios curiosos como, por exemplo, aquele em que o marquês de Abrantes ia dando cabo da embaixatriz, graças à sua gentileza e solicitude requintada.

Pois é verdade... Esteve mesmo por um triz...

É claro que o devoto marquês não teve a menor culpa no envenenamento de madame Junot, por meio de flores, a menos que tivesse ensinado o recado ao seu jardineiro, afim de se livrar duma ambiciosa que parecia cubiçar-lhe já os haveres e o título... E daí — quem sabe? — talvez o marquês de Abrantes conhecesse a história do burro de Apuleio que tomou forma humana com uma pançada de rosas, — e tentasse repetir inversamente a experiência.

Já agora, vem a propósito dizer que se madame Junot não teve nunca o mais leve direito de usar o título de duquesa de Abrantes que Napoleão lhe dera, à guisa de cigano, roubando um cavalo para presentear um amigo a quem devia favores, o marquês de Abrantes, a-pesar-de legítimo herdeiro de D. Rodrigo Anes de Sá Almeida e Meneses, dos condes de Penaguião e dos marqueses de Fontes, não se esmerou muito em dignificar o seu.

Mal por mal, então a "duquesa" de Abrantes que não rastejou nunca, que nos conste, diante dos potentados, nem traíu a sua pátria... talvez por não ter encontrado quem se chegasse ao preço.

O marquês de Abrantes, quando da fuga da família real portuguesa para o Brasil, teve a honra de ser escolhido para fazer parte da regência. E como se desempenhou desta tão honrosa quão espinhosa missão? Depois de aceitar subservientemente a demissão que Junot lhe apresentou, fez ainda parte da comissão repugnante que foi a Baiona bajular Napoleão.

Portanto, quem foi capaz disto, também não teria grandes escrúpulos em suprimir uma embaixatriz antipática, envenenando-a com flores, o mais gentilmente possível como cumpria a um autêntico fidalgo.

Mas a própria madame Junot que conte o curioso episódio, entremeando-o com os massudos conhecimentos de botânica que copiou, página a página, da *Flora de Portugal*, do naturalista alemão, Henrique Frederico Link:

Um trecho de Benfica ao entardecer

É nos arredores de Lisboa que se torna necessário aprender a conhecer uma região que podemos descrever, mas nunca pintar.

Estes arredores parecem ter sido formados para decoração, à maneira de vestíbulo e entrada, dêste vale de Sintra que o amor cantou com sua voz de cisne em Camões, que Lord Byron celebrou no seu *Child Harold* e que todos aqueles que os percorrem admiram a tal ponto que nunca mais os querem deixar.

Mal as primeiras chuvas refrescam a terra, aparecem logo as flores de outono, o açafrão, o ranúnculo odorante, os narcisos, as violetas, e, entre outras, uma espécie de grandes pétalas dum violeta pálido e dum delicioso perfume.

As ervas recentes, a primeira folhagem, todos estes ornatos verdejantes e perfumados alastram como por encanto, e a Natureza, ao envergar o seu novo vestido, parece uma formosa rainha que se enfeita.

É uma maravilha seguir os progressos da vegetação, especialmente nos arredores de Lisboa. Chega-se a ponto de mal se poder marcar um intervalo entre o outono e a primavera!

Caminhais então numa região encantada. Percorrereis colinas, do cimo das quais vêdes sempre o rio coberto de barcos, e seguireis através de mil jardins, por entre laranjeiras, limoeiros, murta e romanzeiras, cujas belas flores vermelhas constituem o ornamento das simples sebes dum jardim de aldeão.

As emanações fortes das flores de laranjeira e limoeiro, espalhadas no ar, dão à atmosfera uma languidez que nada tem de penosa, antes oferece à vida um encanto que se aspira e não poderia ser substituïdo por um perfume artificial. É sabido que nada pode tomar ordinàriamente o lugar da Natureza, mas eu creio que ali, mais que em qualquer outra parte, se encontra a prova.

Entre as quintas dos arredores de Lisboa, a mais aprazível é a do marquês de Abrantes.

Este titular gosta de plantas raras e cultiva até mesmo aquelas que o clima de Lisboa não pode tornar indígenas. Mas quantas existem que só com grande dificuldade conseguimos fazer crescer nas nossas estufas, e que nesta quinta embaraçam os meus passos ou guarnecem um muro, brotando vigorosas e cheias de seiva sob êste ceu fecundante que nos é desconhecido, conquanto saibamos que é um ceu azul com um sol puro!

Nesta quinta do marquês de Abrantes ergue-se uma magnífica magnólia. Crescem ali os geránios mais raros que nunca são colhidos. Tamareiras, bananeiras, magnólias apresentam-se cobertas de flores

AMBO

Laura Junot

do marquês de Abrantes

e frutos. Tôdas as mais belas espécies de *ceurens* da América formam sebes encantadoras com as suas folhagens espessas, enquanto as mesembriantémeas caem em flocos ao longo do muro da quinta.

O marquês de Abrantes ofereceu-me uma chave da sua quinta de Benfica, convidando-me a passear ali sempre que me aprouvesse.

Fui lá uma tarde.

A casa estava deserta, e apenas um jardineiro habitava esta mansão encantada.

O vento do mar vinha até nós carregado do perfume das aliagas em flor a que se misturava o aroma das laranjeiras e de milhares de plantas e arbustos floridos que então se encontravam em plena seiva, e impregnavam a sua vida na aragem.

Ao entrar na quinta, senti me enebriada pela suavidade dos perfumes, que me envolviam. Quanta magia! Parei, e levantei a cabeça...

Encontrava-me numa longa álea plantada de magnólias, cujas flores me acariciavam os cabelos. Por entre as magnólias vicejavam estramónios, giestas e laméolas. Uma profusão de perfumes que dava uma alegria do ceu a quem amasse as flores como eu amo.

O jardineiro do marquês fez-me um ramo, ou antes um molho das mais belas plantas floridas. Subi, sozinha, com o ramo para a minha carruagem, e fiz o percurso num estado de doce sonolência que, em verdade, devo confessá-lo, tinha um encanto que não posso descrever.

Era um sonho sem finalidade, um estado de alma tão doce, tão feliz que não posso comparar a nada que não fôsse êsse estado. O meu ramo, ou antes a minha gabela de flores, estava ao meu lado, na carruagem, e, quando o vento fresco da tarde passava sôbre êsses tesouros, parecia-me que uma voz de anjo me falava.

Cheguei a minha casa.

Havia muita gente no meu salão. Não quis ver ninguém, e entrei no meu quarto.

Sentia-me fatigada, mas não dolorosamente. Tinha apenas uma lassidão que carecia de repouso.

Chamei a minha criada de quarto e pedi-lhe que me auxiliasse a meter no leito. Enquanto me preparava, ia admirando o ramo para o qual havia chamado também a atenção de M.elle Louise. Não podia desviar os meus olhos dessas flores.

Logo que me deitei, ordenei que o ramo fôsse colocado num grande vaso de porcelana com alguma água, e posto sôbre uma mesa em frente do meu leito, de maneira que eu não perdesse de vista essas flores. Depois, mandei sair as criadas.

Quando me encontrei só com o meu ramo, falei-lhe, preguntei-lhe coisas. Parecia-me que essas pétalas de tão vivas côres, êsses pistilos de oiro, essas fôlhas de esmeraldas, me respondiam do fundo das suas magnificências, dos seus perfumes embalsamados!

— Oh! — exclamava eu — uma tal maravilha é uma criação animada!

E os meus olhos semi-cerrados olhavam através das minhas pálpebras descidas, esta gabela de flores...

A duquesa de Abrantes — desenho de Cecília Brandt

Por fim, desci do meu leito e fui direita ao ramo e levei-o comigo. Coloquei-o sôbre o meu travesseiro, e, poisando a minha face sôbre um tufo de magnólias, adormeci, após ter conversado ainda durante algum tempo, mas provavelmente divagando com as minhas flores.

Tinha por hábito levantar-me cêdo e ir almoçar com o senhor de Abrantes (Junot). Ás dez horas — hora a que costumava estar pronta — êle veio buscar-me. A minha criada de quarto disse-lhe que eu ainda não tinha acordado. Pensou êle que o passeio me tivesse fatigado, e proïbiu que me despertassem. Meia hora depois, voltou, e, como eu não tivesse dado sinal de mim, tornou a saír.

Ás onze horas voltou pela terceira vez, trazendo a minha filha que tinha então três anos de idade.

A criança, menos paciente que seu pai, começou a bater à porta com os seus pésinhos, chamando-me com a sua dôce voz de anjo. Não respondi.

O senhor de Abrantes alarmou-se, tanto mais que sabia que o menor ruído me despertava. Bateu êle então e chamou-me. Como não obtivesse resposta, abriu a porta e entrou.

Minha filha acostumada a vir beijar-me

Palácio de Queluz

Palácio das Laranjeiras

tôdas as manhãs no meu leito, subiu sozinha, enquanto seu pai abria as persianas. Mas antes que o dia alumiasse o quarto, a pobre criança começou a soltar gritos dilacerantes...

A minha face estava gelada, e a luz do dia mostrou então a transformação que se operára em mim. Ali estava deitada no meio das minhas flores que me serviam de travesseiro, mas fria e pálida, e o rosto transtornado de tão horrível maneira que ninguem me reconheceria...

A minha pobre filha beijava-me chorando ardentes lágrimas e chamando-me com todas as suas fôrças, mas eu, que nada ouvia, nada podia responder...

O senhor de Abrantes desceu imediatamente a casa do senhor Magnien, cirurgião ao serviço da embaixada, e trouxe-o com êle.

Ao vêr-me, o médico ordenou:

— Ar, ar!... E estas malditas flores atirem-nas para bem longe daqui... Podiam ter sido fatais!

Meu marido levantou-me então nos seus braços e conduziu-me até à janela dos meus aposentos de oração, e que deitava sôbre o mar. Mas o ar não me fazia voltar a mim. Foi necessário aplicar-me vinagre e friccionar-me fortemente.

Por fim, abri os olhos, mas com infinito custo. Eu não sabia onde estava. Sentia como que o resto dum sonho... Tentei ligar o fio quebrado duma ideia... mas sofria atrozmente...

A minha cabeça sobretudo, a minha cabeça estava em fogo, e pesava-me como chumbo. Caía-me da direita para a esquerda, e da esquerda para a direita, sem que me fôsse possível sustê-la.

Finalmente, após três horas, êste doloroso sofrimento cedeu um pouco aos contínuos remédios que me aplicavam.

Consegui saír.

Meu marido conduziu o escaler, e, dentro em pouco, encontramo-nos no outro lado do Tejo, em Almada.

Sentia-me fraca e aturdida como se tivesse saído das garras duma longa doença. Este passeio fez-me bem. Durante todo o trajecto apenas pude comer uma laranja, e durante muitos dias foi-me impossível suportar uma flôr, por mais bela que fôsse...

Grande deveria ter sido a mágoa (pelo menos aparente) do marquês de Abrantes ao saber do grave risco que a preciosa vida da senhora embaixatriz correra, e, para mais, envenenada com as suas flores. Mas tudo isso se dissipou a breve trecho, com a passagem do Sagrado Viático, pois tudo esquecia nessas ocasiões.

É que êste fidalgo, segundo o testemunho de Beckford, era dado a manias devotas, consistindo a principal em não deixar de ir tocando a campainha quando saía o Santíssimo da sua freguesia. "Fôsse a que horas fôsse, estivesse onde estivesse, o marquês de Abrantes, apenas lhe constava que ia saír o Viático, largava tudo, e corria a tomar o seu posto».

Assim, a deliciosa morte de que madame Junot esteve para ser vítima não lhe ficou a pesar na consciência — se é que alguma vez a teve.

Mesmo que pesasse, bastaria a infâmia da deputação que foi a Baiona para não dar margem a outros remorsos.

Esses treze portugueses — tão má conta como má qualidade — fôram cumprimentar Napoleão em nome da Nação Portuguesa e pedir-lhe a sua valiosa protecção, a outorga duma Constituição Liberal a seu modo e ainda a escôlha de um rei que poderia ser Junot, se Sua Majestade Imperial assim o entendesse. Dizia ainda essa deputação representar o clero, a nobreza e o povo de Portugal.

Levava também o referido grupelho dos treze a proclamação que tinha enviado aos seus compatriotas, e que rezava assim:

"Não foi como conquistador que S. M. I. e R. entrou no vosso território, nem como tal quer que o seu exército aí permaneça. O Imperador sabe que nunca tivemos guerra com S. M. I. e R.. Pela grande distância que separa a nossa Pátria do seu Império, não pode S. M. I. e R. vigiar sôbre ela com a mesma atenção com que vigia os outros seus Estados; e que satisfazendo todas as suas necessidades, satisfaz também o amor que S. M. I. e R. tem àquêles que logram a fortuna de ser seus vassalos: seguem-se muitos inconvenientes da delegação duma grande autoridade em países mui distantes. S. M. I. e R. não tem desejo algum de vingança, nenhum ódio, nenhum rancôr ao príncipe que nos governa, nem à sua real família: S. M. I. e R. ocupa-se de objectos mais nobres e não trata senão de nos ligar, com as outras partes da Europa, ao grande sistema continental, do qual nós devemos fechar o último anel; trata de vos livrar da influência estranjeira, que nos dominou tantos anos; o Imperador não pode consentir uma colónia inglesa no continente; o Imperador não pode nem quer deixar aportar em Portugal o príncipe, que o deixou, confiando-se à guarda de navios ingleses.

"S. M. I. e R., considerando a vossa situação, se dignou declarar-nos que a vossa sorte estava na nossa mão, que dependia do espírito público, que nós mostrássemos, e com o qual nos uníssemos ao sistema geral do continente e concorressemos para os acontecimentos já preparados; assim como da nossa vigilância e da firmeza com que repelíssemos as insinuações e as intrigas que se podem recear, e que sem proveito real para aquêles, que fôssem os autores ou os objectos, necessàriamente causariam a nossa desgraça.

"Estes são os sinais, pelos quais S. M. I. e R. quer julgar que nós sômos ainda dignos de formar uma nação capaz de sustentar no trono o príncipe que nos governar e de ocupar entre as nações o lugar que nos compete, ou ser confundidos com aquela, cuja posição se aproxima de nós e do qual tão grande motivo nos afasta..."

Ora, se depois desta infâmia, o marquês de Abrantes não sentiu remorsos, visto que, dezoito anos depois, se arvorava em par do reino, como os poderia sentir com o gracioso atentado contra a vida fútil da mulher do general Junot?

Aspecto da frontaria do Palácio das Laranjeiras

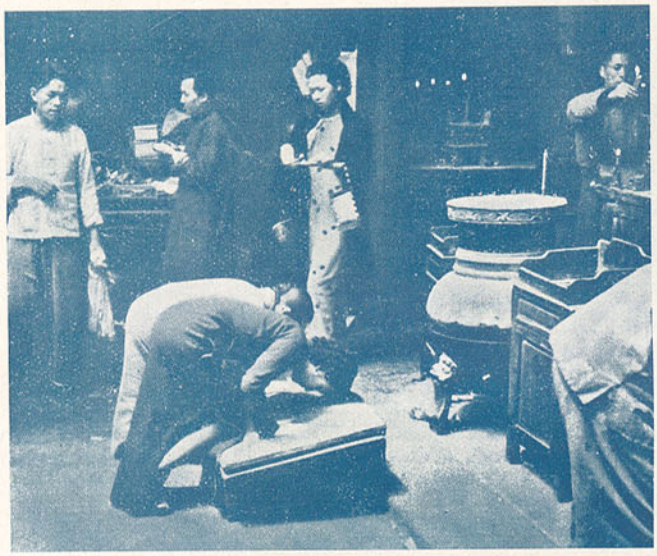
A MULHER CHINESA EM FACE DA GUERRA

Em face da pavorosa guerra que está devastando o Extremo Oriente, a mulher chinesa não quere ficar inactiva, e segue o exemplo das mulheres europeias quando da Grande Guerra.

A velha China, embora lentamente, vai imitando as modas da Europa. O pior foi o corte do rabicho que constituia para os filhos da República Celeste o seu maior orgulho. Conseguido isto pela vontade indomável de Sun-Yat-Sen, o mais foi seguindo por si, sem esfôrço, naturalmente.

Havia muito que o exemplo dos seus visinhos nipónicos lhes dava na vista. Mas o constante progredir do Império do Sol Nascente não lhes servia de incentivo. Enquanto o Japão se europeïzava, desenvolvendo as suas artes, as suas ciências e as suas indústrias, a China, aferrada às suas tradições milenárias, mantinha-se tão isolada do Mundo como nos seus tempos primitivos.

Havia um obstáculo, um grande obstáculo a impedir o desenvolvimento das fôrças vitais chinesas, não obstante o extraordinário engenho dêste povo. A nosso ver, êsse grande obstáculo residia no rabicho, no frágil rabicho que o chinês afagava orgulhoso como a mais sagrada honraria que lhe fora concedida. Era êsse punhado de cabelos que o prendia aos velhos ritos da sua raça.



Quando Sun-Yat-Sen, seguindo o exemplo de Alexandre em frente do celebrado nó górdio, cortou essa frágil trança, a vida chinesa modificou-se logo. Uma coisa faltou: o impulso que fizesse crepitar na alma chinesa o fogo patriótico e que reünisse num só bloco uno e indivisível todos os filhos da República Celeste. Daí as terríveis lutas internas que são mil vezes mais desastrosas do que as guerras com outro país.

Assim, a China continuava a ser a horta onde, fôsse quem fôsse, se julgava com direito de ir colher o que melhor lhe aprouvesse.

A visão dos juncos piratas ou a ferocidade dos *boxers* não alligiam o estrangeiro cubiçoso. Quando muito, poderiam justificar uma ou outra violência. Agora, em face do terrível conflito que ensangüenta e carboniza o coração da China, a mulher chinesa oferece também o seu sacrifício, alistando-se em batalhões especiais, na disposição firme de fazer a guerra como os homens. Mas, ainda ligadas aos velhos usos, as mulheres chinesas mantem os antigos ritos com o fervor dos seus antepassados mortos há muitos séculos.

Correm ainda aos templos a consultar a vontade dos deuses e celebram com o maior rigor as cerimónias dos tempos idos. Embora enverguem trajos europeus, a sua alma é sempre chinesa.

Mas não riam os civilizados da Europa... Este apêgo que as chinesas conservam pela fé dos seus avós, é uma manifestação de patriotismo. Esse culto pode ser considerado absurdo, mas representa o respeito pelas gerações passadas, e, portanto, o entranho amor ao torrão em que nasceram. Eis o que mostramos nesta página: a mulher chinesa cumprindo os velhos ritos de seus avós como se Confúcio a orientasse ainda com o seu prodigioso poder de persuasão. Isso, porém, não afecta a penetração do progresso nas suas vastas regiões. Que mantenham o maior culto pelo Grande Muralha, bem está; o que não se concebe é que não vissem que esta defesa, em face da arte guerreira de hoje, representa o mesmo que uma frágil sebe de bambús a resguardar um pomar.

EM CIMA: *à esquerda, Mulheres chinesas implorando o auxílio dos deuses. — à direita, Cerimónia típica nos templos chineses*

EM BAIXO: *à esquerda, Mulheres consultando o Oráculo. — à direita, Cerimónias nos templos de Nanquim*

Princesa Maria Antónia de Kohary

A PRINCESA QUE MUDOU DE SEXO

PARA HERDAR OS SEUS BENS

ENTRE os papeis da chancelaria imperial da Hungria figura um documento deveras curioso que fez passar por homem a gentil princesa Maria Antónia Gabriela de Kohary, e, como tal, a autorizou a casar com o príncipe Fernando Augusto de Saxe Coburgo Gotha, passando êste por mulher.

Êste facto tão extraordinário pode ser explicado da seguinte maneira:

A princesa Maria Antónia, sendo filha única de Francisco José, chanceler da Hungria, estava legalmente impedida de herdar as vastas propriedades da sua família, visto que só um filho varão o poderia fazer. Como resolver o problema?

Depois de muitas tentativas infrutíferas, surgiu a luminosa ideia dum espertalhão que teve o efeito da famosa cutilada alexandrina no emaranhado nó górdio. Bastaria que a chancelaria imperial declarasse varão, à face da lei, a formosa princesa, e tudo se arranjaria pelo melhor.

Assim se fez.

Quando a princesa Maria Antónia Gabriela, isto é, o príncipe Mário António Gabriel, casou com o príncipe Fernando Augusto, aliás Fernanda Augusta, os dois noivos assinaram, invertendo os sexos. Como uma tal atitude não era de caracter permanente, o noivo não se opôs. A inversão de sexos figurava apenas na escritura.

Depois, tudo voltou à normalidade, nascendo, dez meses decorridos sôbre esta feliz união, o príncipe Fernando Augusto Francisco António, que viria a casar com a rainha D. Maria II de Portugal.

Com semelhante medida, embora mistificando a lei, a princesa salvou o seu património valiosíssimo que abrangia Kohary, Casabrac e outras terras da Hungria.

Mas estava escrito que D. Fernando de Saxe Coburgo Gotha não usufruiria êsses bens tão hàbilmente defendidos por sua mãe. Quando o foram buscar para casar com a raínha portuguesa, teve de renunciar a tôda a sua fortuna. Nestes casamentos principescos, os varões são sempre os sacrificados, visto que, em situações idênticas, às princesas chegam a ser dados em dote verdadeiros tesouros.

Segundo o contrato nupcial, a cerimónia deveria realizar-se em Lisboa, segundo o rito católico, e, logo após, o príncipe receberia uma pensão anual de 50 contos que lhe seria conservada por morte da raínha, no caso de ficar em Portugal, tendo então direito a um palácio para sua habitação, ou de 25 contos, se resolvesse retirar-se para o estrangeiro; teria sempre a livre disposição dos seus bens, e os príncipes que nascessem deste casamento não poderiam saír do reino sem autorização das Côrtes nem poderiam casar sem autorização da raínha ou do príncipe reinante.

Nesse mesmo dia foi assinado um novo convénio pelo qual o príncipe D. Fernando renunciou à parte que lhe coubesse da herança de sua mãe em terras da Hungria. Estipulava-se que a dotação do príncipe fôsse para as suas despesas pessoais, continuando as despesas da Casa Real por conta da raínha, e que, essa dotação se elevaria de 50 a 100 contos em conseqüência da sua renúncia à herança materna, logo que nascesse um príncipe herdeiro da Corôa, e que então receberia o título de rei. Finalmente, a raínha poderia conservar secretos estes artigos adicionais enquanto se não desse o caso do nascimento do príncipe.

Não se pode dizer que D. Fernando tivesse feito um casamento de conveniência, visto que, feitas bem as contas, ainda perdeu dinheiro, sem falar já nos encargos que tomou e até nas aflições que a Belenzada lhe deveria ter causado.

E se fôsse apenas isso!

Quando mais tarde, sendo viuvo, e portanto livre como a livre andorinha, se demorava um pouco mais a regressar a casa, encontrava a censura do rei D. Pedro V, seu filho.

Diz-se até que certa madrugada, voltando D. Fernando ao palácio, em vez de encontrar o seu criado particular, deparou com D. Pedro V, ocupando pacientemente o lugar do servo.

O facto alarmou D. Fernando, tanto mais que o filho andava muito doente, havendo sido até aconselhado a seguir uma vida de absoluto repouso.

Esse capricho de esperar o pai, poderia ser fatal para o soberano...

— Filho, ainda a pé?! — inquiriu êle estupefacto com o que via — isso vai fazer-te mal... E para quê?

— Quis evitar que os criados soubessem as horas a que Vossa Majestade recolhia a casa.

D. Fernando, compreendendo a censura, limitou-se a acatá-la, pois, vindo ela do seu filho, era ditada também pelo seu rei.

Despediu-se cortezmente, e recolheu aos seus aposentos, meditando talvez na sua liberdade de outrora, e que tão aereamente sacrificara.

Em boa verdade, não tinha valido a pena.

Pois se até os seus amores com a artista que viria a ser a condessa de Edla, lhe originaram dissabores. E ainda êle estava longe de supôr que, por sua morte, o testamento que deixara, havia de ser tão agrestemente discutido, não obstante a sua escritura de contrato nupcial estabelecer categoricamente que êle teria sempre "a livre disposição dos seus bens» e que "a dotação do príncipe, elevada a 100 contos em conseqüência da sua renúncia à herança materna se destinaria apenas às suas despesas pessoais».

Francamente, não valeu a pena, mesmo com as honras de príncipe regente durante a menoridade do príncipe herdeiro.

E assim se explica que, ao ser-lhe oferecido o trono de Espanha, não se dignou aceitá-lo, embora assediado pelos mais altos empenhos.

Perder assim a liberdade quando a vida começava a afigurar-se-lhe aprazível e rodeado dos mais gratos carinhos?

Ir sujeitar a fronte ao peso duma corôa quando ainda não estava plenamente refeito das nevralgias que um efémero reinado lhe deixara?

Foi êsse o grande motivo da recusa.

Por uma aventura idêntica perdeu a vida o imperador Maximiliano do México junto aos muros de Queretaro.

ACTUALIDADES DA QUINZENA

O banquete de homenagem a Júlio Caiola, em que foi enaltecido o seu esfôrço na Agência Geral das Colónias e na Exposição Histórica da Ocupação. A gravura acima mostra o homenageado, ladeado pelos srs. dr. Antero Correia, comandante Fontana da Costa e almirante Gago Coutinho, tendo em frente o sr. general João de Almeida

Um aspecto do desfile dos legionários portuenses por ocasião da inauguração da nova séde desta delegação. No amplo recinto do Estádio do Lima efectuou-se esta demonstração, reünindo-se cêrca de dois mil homens, representantes de todos os serviços e as diversas secções especializadas dêste tão brioso quão patriótico organismo

O ilustre professor dr. Augusto Monjardino proferindo o seu discurso na comemoração do 5.º aniversário da fundação da Maternidade Dr. Alfredo da Costa. A' sessão solene presidiu o sr. general Amilcar Mota, que representava o Chefe do Estado, tendo à sua direita o sr. general Eduardo Marques, e à sua esquerda o sr. dr. Abel Vieira Neves. — *A' direita:* um aspecto da assistência

O almirante Gago Coutinho presidindo ao banquete de confraternização dos bravos aviadores portugueses que levando a efeito as primeiras viagens, sôbre o Atlântico Sul, às colónias da Africa, da Asia e da Oceania, mostraram mais uma vez a valentia da Raça Portuguesa

A conferência do eng. auxiliar, sr. Maximiano Rebelo dos Santos, no Grémio Técnico Português, sôbre «O saneamento da cidade do Porto». Na mesa da presidência: os srs. engg. inspector Raul da Costa Couvreur, eng. ind. Eurico Teixeira de Sousa e Eduardo Zambuzinho

COMEMORAÇÕES DO 1.º DE DEZEMBRO

As comemorações do 297.º aniversário da Restauração de Portugal resultaram imponentes com a colaboração da «Mocidade Portuguesa», da «Legião», do Exército e da Armada. As gravuras publicadas nesta página mostram: Um aspecto do desfile da «Mocidade Portuguesa» junto do monumento aos Restauradores. — A «Mocidade Portuguesa» em continência. — A Armada na Avenida da Liberdade. — O Chefe do Estado e os membros do Govêrno em continência. — A cavalaria da «Legião Portuguesa» desfilando na Avenida da Liberdade

Natal—Dia de Júbilo e de Tristeza

Madona com o Menino-Deus — Quadro de Stephan Lochner

APROXIMA-SE o dia de júbilo da alma cristã — dia que é também de tristeza e dor.

Júbilo, porque marca uma data gloriosa para a humanidade, o dia em que o Homem-Deus veio ao mundo para unir todos os homens num mesmo amor.

Data de tristeza e dor em cada ano que passa, porque os homens não compreendem a divina missão que lhes confiaram e deram guarida às sugestões malévolas do seu apetite desenfreado de gozos e ambições, e o mundo transformou-se num cáos em que ninguém se entende.

Aparece, por vezes, um grupo de homens de ideias sãs que pretende orientar a opinião geral, mas fracassa de encontro a uma horrível parede espessa de ódios e cubiças.

Tudo tem concorrido para desencadear uma tempestade de paixões que arrasta na sua corrente sentimentos generosos e bons, deixando as almas vazias de piedade.

Ninguém quer ceder, mesmo reconhecendo íntimamente que errou, para não ficar mal, como se não fôsse mais nobre confessar a sua falta do que êsse orgulho imbecil e criminoso que leva indivíduos e países inteiros até à desgraça e à degradação.

A mulher que devia manter-se no seu lugar de espôsa e mãe, o mais santo e o mais útil à felicidade dum povo, desvia-se estonteada pelas miragens enganadoras do luxo e da elegância, pela aberração de querer antepor a beleza física à beleza espiritual, e dá-se ao desporto, aos jogos livres de livre indumentária, quer ser guerreira como os homens, e o lar para que deviam preparar-se — o lar futuro — fica muito longe e quási apagado nas suas aspirações de mulher moderna.

Há termos para tudo, e as raparigas podiam fortalecer-se, mais moderadamente em movimentos, e sem tanta liberdade no despir e sem tão sensível contacto com o outro sexo, onde esperam encontrar marido.

E desenganem-se: Essas liberdades agradam aos rapazes que se querem divertir, namoriscar para passar o tempo, mas não é nesse meio que os solteiros escolhem a sua companheira de luta.

■

Agora tudo são anseios para o fortalecer das raças, mas não consta que as mulheres que deram ao mundo cidadãos prestáveis fizessem ginástica e andassem quási nuas pelas praias, roçando a sua pele pelas peles de machos estranhos.

Essas que deram um Napoleão, um Bismark, um Vasco da Gama, um Camões, um Shakespeare, eram donas de sua casa, sem mais nada quererem como florão de glória.

Para dar à luz homens fortes, não é preciso tanto suco atlético.

E de mais não é no corpo que está o artífice da prosperidade dum país. É na alma, e só na alma.

É ela que dá coragem ao soldado para defender a sua pátria, que dá fôrça ao operário para desenvolver a sua indústria, e que inspira o artista, o escritor e o sábio, para perpetuá-la em almas que ensinam e deslumbram.

A mulher tem talvez o papel mais importante no progresso dum povo, e êsse só ela o pode desempenhar bem, e a contento de todos, adentro do seu lar.

É ensinando os filhos a guiarem-se pela consciência, a sugeitarem-se ao destino, sem protestos, se êle os fizer pobres, a saberem servir-se da riqueza em proveito dos infelizes, se ricos forem; é convencendo-os de que o trabalho é o melhor quinhão, e que tendo a alma sossegada, livre de ambições e ódios, a vida é bela e merece viver-se.

É pondo-os em guarda contra os boateiros do terror, contra os charlatães da felicidade, que lhe acenam com o frasco do elixir mentiroso, que embriaga com falsas miragens e que em verdade só derrama desgraças e desolação nas almas que se deixaram embalar pelas suas cantigas.

■

Já é tempo e mais que tempo de olharmos o que vai pelo mundo de horrores e de misérias, obras do espírito infernal de quem não teve, no regaço de sua mãe, o ensinamento contra as ciladas da ambição, nem lições de humildade — ou que de tudo se esqueceu, — já é tempo que cada qual se compenetre da sua missão de paz e ponha diques à invasão da insânia que ameaça a tranqüilidade de nós todos.

Por um dever de humanidade, tôdas as desventuras que afligem os nossos semelhantes, mesmo quando muito longe de nós ocorrem, devem interessar a nossa sensibilidade, e devemos elevar a Deus as nossas preces para que volte o pão ao tugúrio miserável, para que volte a razão — pão necessário do espírito — aos cérebros desnorteados.

E, mais do que tudo, deve merecer-nos interêsse a nossa pátria, o nosso lar comum.

Quando o fogo alastra, não se sabe nunca até onde êle chegará.

É preciso opor-lhe uma barreira. É preciso que todos, homens e mulheres, se unam na mesma ideia de defesa.

É preciso reforçar fronteiras, e não é com espingardas, metralhadoras, nem canhões.

É com cérebros, com almas e com consciências cheias de bons princípios, sem fantasiosas compreensões da vida, que o perigo se evita ou se afasta.

Temos que tirar conclusões dos acontecimentos que até nós chegam, temos que claro, despidos de qualquer interêsse pessoal, o que mais vale para o bem de todos e para o engrandecimento duma nação.

■

Dia de Natal, dia que deve ser de alegria recatada, dia que devemos aproveitar para olhar para dentro de nós, num acto de contrição, pondo fora da nossa alma qualquer sentimento mesquinho que nos suje, e penitenciar-nos com protestos de um proceder futuro que nos redima de nossas faltas, como redimir nos quiz Êsse que ao mundo veio para nos salvar.

É sempre tempo de arrependermo-nos e de incutir nas gerações vindouras o amor do bem e da justiça.

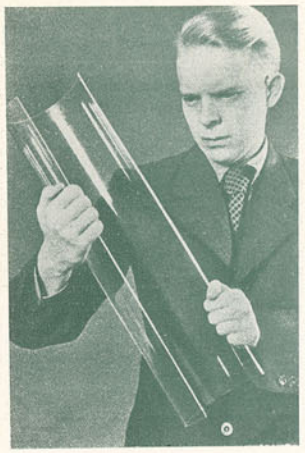
E não esqueçam, mulheres de Portugal, de unir as vossas almas na mesma aspiração de ver o mundo em paz e os homens amando-se como irmãos, naquela solidariedade de espírito que o sublime Crucificado nunca se cansou de prègar.

Jesus nasceu nas palhinhas duma manjedoura, bafejado por uma vaquinha e um gerico que deram mostras da maior mansidão. Enquanto os soldados de Herodes perseguiam o recem-nascido que tanto fazia recear o tetrarca, os irracionais manifestavam o seu carinho.

Porque não seguem os homens o seu exemplo?

Decorridos quási dois mil anos, os homens são cada vez mais perversos — e os bois cada vez mais mansos...

MERCEDES BLASCO.



A actual descoberta do vidro flexível de que os vidreiros alemães tanto se orgulham

"VAIDADE DE VAIDADES,

"NIL NOVI SUB SOLE"

Coisas antiquíssimas que passam por modernas

"Não há nada que seja novo debaixo do sol» — afirmou o Eclesiastes com a maior certeza e solenidade, pondo de parte todo o orgulho que a sua enorme sabedoria poderia acalentar.

E, salientando esta máxima imutavel, o douto filho de David acrescentou: "...ninguém pode dizer: Eis aqui uma coisa nova, porque, ela já existiu nos séculos que passaram antes de nós».

Assim o entendia e proclamava tão amplamente que a própria abertura da sua exortação bíblica traduz esta verdade eterna: "Vaidade de vaidades, tudo vaidade!...»

Ruiu o templo de Jerusalem; o império de Nabucodonosor esfacelou-se como a estátua de pés de barro que o simbolizára; a terrível mão que "contou, pesou e dividiu» a soberania de Baltazar, fez o mesmo a todo o mundo; tudo se pulverizou, tudo passou, tudo morreu, menos as sábias palavras de Salomão: "Não há nada que seja novo debaixo do sol».

Repare-se que, hoje em dia, muitas coisas que para aí surgem como invenções prodigiosas, não passam de velhas coisas já conhecidas há muitos séculos, e até muito mais aperfeiçoadas. Quando muito, são simples e mesquinhas redescobertas de antigas invenções sepultadas na poeira dos tempos.

Tomemos por exemplo a indústria do vidro de que muitos países se orgulham em vistosos rèclamos.

Segundo Plínio, a descoberta do vidro deve-se a um feliz acaso: Alguns mercadores, tendo arribado no litoral fenício, utilizaram para suporte das marmitas em que cozinhavam as suas refeições, blócos de nitro que, sob a acção do fogo, teriam produzido, misturados com a areia da margem do rio, o primeiro vidro.

Isto não deve passar duma lenda, visto ser necessário para a produção do vidro um calor superior a mil graus. Embora os fenícios tivessem vidreiros de fama, a invenção do vidro deve ser atribuída aos egípcios que conheceram a maior parte dos segredos desta arte, e a tal ponto, que não só fabricaram vidro branco, como lhe deram colorido e maleabilidade.

Pinturas encontradas nos hipogeus de Beni-Hassan, executadas cerca de 3.500 anos antes da nossa Era, demonstram que os seus autores conheciam o sôpro com a cana. Nos túmulos de Tebas apareceram contas de vidro utilizadas em colares. Finalmente, fôram Tiro e Sidónia as principais cidades em que a indústria vidreira se desenvolveu mais amplamente.

Quando Octávio submeteu definitivamente o Egipto, exigiu que o vidro fizesse parte do tributo dos vencidos. E, assim, Roma entrou na posse do segrêdo.

Conta ainda Plínio que, no tempo de Nero, um indivíduo construiu em vidro um andar inteiro para o seu teatro.

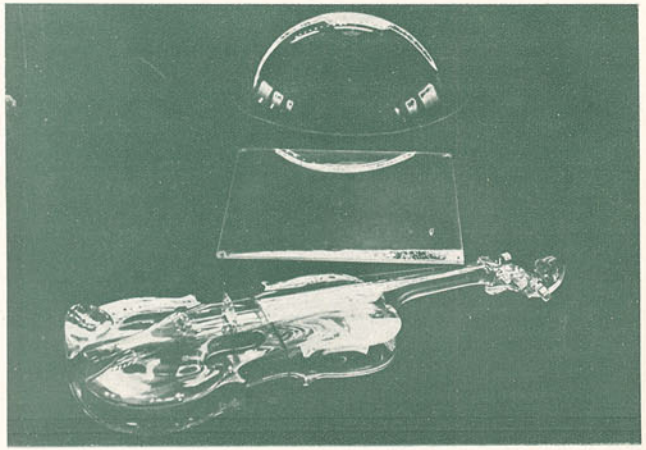
Petrónio — o autor do Satyricon — diz que "um dia, certo vidreiro romano pediu audiência a Nero para lhe mostrar os últimos modelos que fabricara. O imperador, dando-se ares de fino conhecedor de obras de arte, observou demoradamente tudo o que lhe era apresentado. Quando admirava a beleza duma taça, o vidreiro tirou-lha da mão e arremessou-a violentamente ao solo. Os cortezãos ficaram aterrados. Era de prever que Nero, irritado com semelhante irreverência, se mostrasse em tôda a sua monstruosa ferocidade. Entretanto, o vidreiro sorria... A taça, que todos supunham em pedaços, estava inteira. Apenas ficara ligeiramente amolgada. O imperador não cabia em si de espanto. Então, o vidreiro, tirando de sob a túnica um martelo, começou a bater na amolgadura da taça, dando-lhe, a primitiva forma».

Enquanto Roma desenvolvia de tal maneira esta indústria usurpada aos egípcios, a Gália, valendo-se dos seus recursos, produzia também verdadeiras maravilhas.

Depois, o segredo do vidro maleável morreu com os seus detentores.

Em 1610, o shah da Pérsia enviou a Filipe II de Espanha uma embaixada que era portadora de valiosos presentes, entre os quais seis vasos de vidro inquebrável que causaram grande sensação.

Quando, há tempos, apareceram copos em vidro inquebrável fabricados pela Checo-Eslováquia, a "descoberta» foi muito aplaudida, embora estivesse ainda muito longe da perfeição do vidro maleável apresentado a Nero.



Instrumentos musicais fabricados em vidro chamado «Plexi» que não se quebra e resiste à acção dos ácidos

TUDO VAIDADE..."

SUB SOLE"

que passam por modernas

Apesar do constante avanço da civilização, os artistas de hoje não conseguiram reconquistar o processo de fabricar vidro semelhante.

A Alemanha, no entanto, pretende avançar, num curto praso, o que o rolar lento de muitos séculos atrasou.

Assim, uma notícia recentemente publicada, dizia que os instrumentos musicais utilizados num concerto transmitido pela radiotelefonia eram de vidro. Os músicos, reünidos em lena, tocaram instrumentos de vidro que uma fábrica das imediações, embora especializada em lentes para máquinas fotográficas e telescópios, teve a fantasia de apresentar como prova de competência dos seus artistas.

Convém não esquecer que as experiências da fabricação dos instrumentos musicais em vidro duram já alguns anos. Finalmente conseguiu-se alguma coisa, isto é, que o som dêsses instrumentos seja tão harmonioso como o dos instrumentos comuns.

Não será para admirar que, qualquer dia, surjam documentos milenários comprovando que a marcha dos Faraós egípcios era executada com trombetas de vidro aperfeiçoadíssimo.

E mais uma vez ficará demonstrado que o Eclesiastes tinha razão quando afirmava que "não há nada que seja novo debaixo do sol».

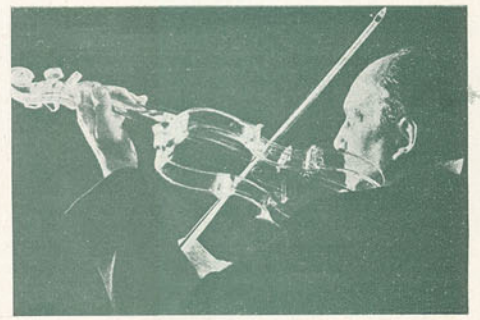
Outro formidável invento — a electricidade — de que o médico inglês William Gilbert tirou, em primeira mão, efeitos surpreendentes.

Segundo os sábios, o âmbar era conhecido já, seiscentos anos antes de Cristo, como possuidor de propriedades atractivas, pois que, friccionado com um tecido de lã, atraía os corpos leves. Como o âmbar se chama em grego *elektron*, daí o nome de electricidade.

Ora, em 1600, William Gilbert julgou ter descoberto que essa propriedade atractiva não era exclusivo para o âmbar, mas pertencia a uma classe numerosa de corpos a que chamou *idioelectricos* e que deixou designado no seu *Tractatus de magnete*.

Sabe-se que, depois, Herbert, Achard, Grey e Wheeler, continuando as experiências de Gilbert, reconheceram que "todos os corpos se comportavam como o âmbar», e afirmaram ainda que "a propriedade atractiva devia ser incorporada no número das propriedades gerais dos corpos».

Tempos decorridos, Otto de Guerick observou que "os corpos muito leves, depois de serem atraídos por um corpo electrizado até ao contacto com êste, eram, em seguida repelidos, a atraídos de novo». Notou também que "dois fios metálicos suspensos de um corpo electrizado, se desviavam um do outro.



Um músico alemão experimentando um magnífico violino de vidro inquebrável

Veirificou-se ainda que "aproximando dum corpo de vidro sucessivamente um outro corpo de vidro e outro de resina, tendo sido previamente todos três friccionados com um tecido de lã, no primeiro caso havia repulsão, e no segundo atracção». Para explicar estas acções contrárias nasceu a ideia de que a electricidade desenvolvida no vidro era diferente da desenvolvida na resina e deram à primeira o nome de *electricidade vítrea* e à segunda, o de *electricidade resinosa*.

Experiências posteriores revelaram que a electricidade desenvolvida pelo atrito em todos os corpos ou era vítrea ou resinosa, dependendo isso, não só da natureza do corpo friccionado, mas também do corpo friccionante; e que às vezes, mesmo num dado corpo, friccionado por outro, se desenvolvia uma outra das electricidades conforme o estado da sua superfície.

Ocuparam-se mesmo de colocar os corpos por ordem tal que qualquer dêles fôsse vítreo a respeito de qualquer seguinte, e resinoso a respeito de qualquer antecedente, isto é friccionado com um seguinte tomasse electricidade vítrea, e com um antecedente resinosa. Novas experiências mais aturadas provaram que "as duas electricidades se desenvolvem simultaneamente, uma sôbre o corpo friccionado, outra sôbre o corpo friccionante».

"Quanto ao modo de ser da electricidade sôbre os corpos, reconheceu-se que nuns a propriedade eléctrica, desenvolvida num ponto, se manifestava instantaneamente noutro ponto, enquanto que noutros esta propagação não se efectuava senão muito lentamente. Foi daqui que veio a classificação dos corpos *condutores* e *isoladores*».

Esta descoberta foi o ponto de partida das primeiras pesquisas sôbre a natureza da electricidade.

Depois veio a lei dos *contactos sucessivos* em que se demonstrava que "se vários metais formarem uma cadeia contínua, a diferença de potencial dos dois extremos é a mesma que se êles estivessem directamente em contacto. Foi esta lei que serviu de fundamento à pilha de Volta, e que serviu de tipo a tôdas as pilhas hidro-eléctricas hoje conhecidas».

Estava descoberto o meio de desenvolver electricidade pelas acções químicas. Os sábios contemporâneos tinham conquistado os mais gloriosos louros.

Mas o que nos dirão se lhes garantirmos que as tôrres dos templos egípcios eram munidos de mastros de 30 metros de altura e até de mais, e que nas suas pontas tinham uma cobertura de metal, dando a impressão de pára-raios?

Uma inscrição egípcia, encontrada há tempos, dizia que êstes mastros foram levantados para "cortar as tempestades do céu», e que o metal empregado era o cobre.

Quantas coisas maravilhosas conhecidas nos tempos antigos estão ainda para ser descobertas?

O que está apurado é que os hebreus, tendo emigrado do Egipto, levaram consigo, muitos dos segrêdos que a ciência contemporânea está sondando com tanto afinco.

Vários relatos do Antigo Testamento, especialmente no segundo e terceiro livros de Moisés, parecem indicar que os judeus conheciam já os condensadores eléctricos construidos segundo o princípio que, sob o nome de *garrafa de Leyde*, foi aplicado pela primeira vez em 1746, por três sábios holandeses.

Os egípcios tinham em seu poder as descobertas mais surpreendentes. Chega-se mesmo a supôr que conheciam já a dinamite.

VISÕES DO EXTREMO ORIENTE

A GUERRA ENTRE A CHINA E O JAPÃO

As tropas japonesas tomando um porto chinês oculto nos subúrbios de Xangai

A guerra entre a China e o Japão continua cada vez mais encarniçada. Luta-se desesperadamente de parte a parte.

Segundo os últimos comunicados, as tropas japonesas que atacam Nanquim sofrem importantes baixas devido à inesperada resistência oferecida pela guarnição da capital chinesa.

Entretanto, o Japão procura o futuro regime político da China do Norte. Chegou a afirmar-se que o govêrno nipónico tenciona parar com as operações militares da China do Norte e consagrar todos os seus esforços à organização da fiscalização japonesa relativamente aos negócios políticos e económicos da região. Afirma-se ainda que o Japão anima a formação dum govêrno local que será constituido provavelmente por cinco membros e presidido por Xin-Yu-Peng, presidente do conselho chinês de 1919 a 1921, ou Tsao-Yu-Ling, antigo ministro dos Estrangeiros e das Finanças e colaborador de Yuan-Xi-Kai. Contudo, supõe-se que aquelas duas indidualidades não aceitarão o referido cargo.

Anuncia-se também que 50 representantes dos distritos de Xan-Si reuniram em Tai-Yuan-Fu e constituiram um Govêrno autonomo provisório de Xan-Si. Depois da reunião organizou-se um cortejo, em que tomou parte a população chinesa. Vindo em seguida à criação do Govêrno autonomo de Ho-Nan, a fundação do Govêrno autonomo de Xan Si, parece anunciar o caracter federal que certos observadores prevêem para o futuro regime da China do Norte. Por outro lado, as muralhas de Nanquim oferecem uma resistência tenaz.

Segundo outro comunicado, um forte contingente chim conseguiu fazer uma sortida audaciosa pela porta da «Glória»,

A' direita: — *Em pleno ataque. Curioso instantâneo obtido entre a fumarada*

atacando com metralhadoras, bombas e gases lacrimogéneos. Só de manhã os japoneses conseguiram repelir o ataque. O comandante Kawagara, herói da tomada das colinas próximas daquela porta, morreu.

Em baixo: — *Os japoneses eguardando um carro de assalto numa rua de Xangai*

Uma fase do ataque dos japoneses à cidade de Chapei

Entretanto a «Reuter» assinala que às 10 horas os japoneses desencadearam nova ofensiva contra Nanquim, tendo como principal objectivo a colina de Yu-Hutal (colina das Pedras caídas do Céu), que forma como que uma muralha de defesa da entrada na cidade pelo sul. O combate é encarniçadissimo e os nipões têm tido — consta — baixas severas. Tanto no interior como no exterior dos muros da capital os incêndios multiplicam-se. O fragor das explosões é imenso.

O Mundo assiste a êste pavoroso conflito através das notícias mais confusas e até contraditórias, por vezes.

Eis o que chega até nós...

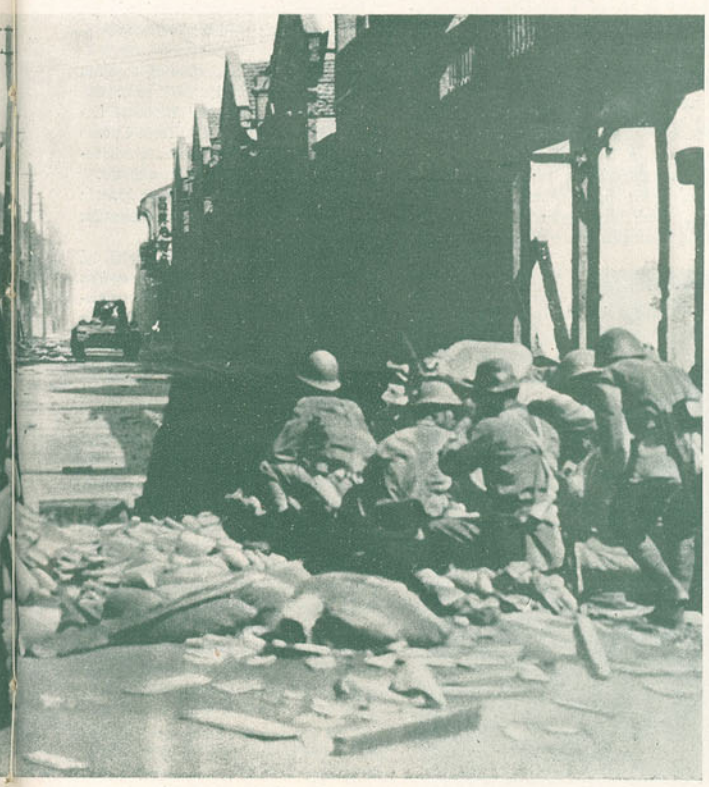
O que virá a dar-se?

O que se deduz de tudo isto? Qual será a solução? Será êste o rastilho para a horrorosa explosão que o Mundo receia?

A luta prossegue, afirmando uns que o Japão acabará por tornar um facto a sua aspiração que há tantos anos acalenta, parafraseando a famosa máxima de Monroe. Outros, porém, salientam que a China, orientada por outras fôrças, está fazendo uma guerra de desgaste que tem por fim, causar o máximo de prejuizos ao inimigo, atraíndo-o ao ponto que melhor lhe convenha.

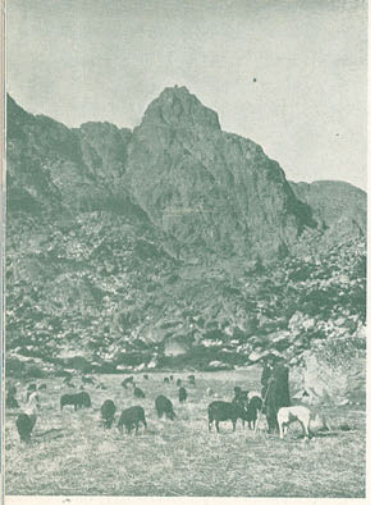
O futuro o dirá.

Agora, em face do Natal, é deplorável em boa verdade, vêr os homens empenhados numa guerra sangrenta, quando se festeja o nascimento de Jesus que veio ao Mundo prègar a Paz e a Fraternidade entre os homens.



Dois chineses espiões conduzidos por um japonês para o local da execução

Um chinês espião conduzido por um soldado japonês para o suplício



O Cântaro Magro na Serra da Estrêla

VIAGENS NA

A VINGANÇA
EM PLENO CORAÇÃO

Eis as Naves!

... E, ao fundo, o macisso central da Estrêla, cheio de majestade, de nordeste a sudoeste talhado quási a prumo, imponente, alteroso.

Dir-se-ia que um cataclismo quebrou, cerce, metade da imensa mole de granito, rolando os colossais fragmentos por léguas de planalto, despenhando-os nos vales, dispersando-os tumultuosamente na planície, ameaçando o mar distante.

A esplanada das Naves, onde avançamos, é limitada à direita pelos Conchos e pela Nave Descida. Do outro lado, avista-se o Cântaro Gordo. E o cume da Serra prolonga-se até Corgos de Argenção, ligando, pela Trouxa, ao Buraco do Mocho.

A corrente que ladeamos, e que começa nos Barros Vermelhos, é a das nascentes do Alva que vai, por Nave Descida, Entre-Ribeiros e Covandesco, ao Sabugueiro.

Três águias pairam no azul... Esta paisagem tão vasta, tão violenta, tão luminosa, só uma envergadura aquilina decerto a merece. Quem será bastante forte para vê-la e para senti-la?

Bebemos de fontes cristalinas onde mergulham hervaçais e boiam flôres silvestres. A água, acídula, tem um sabôr a lôbo...

A Malhoeira! Limitam os concelhos de Seia e Manteigas. Segue-se Vale da Barra.

Aportamos aos Charcos, junto da Arca do Pão, formada de lanchões singulares, singularmente dispostos. E' a dispensa dos pastores. A tantos salvou da morte!

Acampamos, erguemos tendas.

E divagamos ao redór.

Perfumes de plantas, hálitos de fera, radiações minerais se fundem no ar...

Um mundo novo, uma outra vida é desde as Naves, e, absortos, como suspensos entre a terra e os céus, tem outra altura o pensamento e outro rítmo o coração.

E as Lagoas nos chamam... A alcatifa herbácea continua, mas o *sérvum* rasga-se, e, aqui e além, minado de águas subterrâneas, há pontos onde o solo abateu alguns palmos. Atoleiros pôças, minúsculas lagoas. O terreno cede traiçoeiramente. Eis o Charco das Favas.

Já por leste fica o Canariz (1710 metros).

A penedia irrompe, e logo nos barra a passagem; e é saltando, escorregando, rastejando, que conseguimos avançar em direitura. Os rochedos tomam configurações bizarras. Uma cabeça de macaco nos fixa. E pedras florescem: há rosas que desabrocham, outras que se desfolham, e pétalas caídas pelo chão!

Calcamos livros às rumas, negros, medievais, com o seu pesado cadermane, fortes lombadas e fechos de bronze, foscados de sombrio azebre...

Fogos que aparecem entre o gêlo da serra

Já a Lagoa Comprida rebrilha. As suas águas estendem-se pelo Covão Grande, tranqüilas, dormentes.

A paisagem é um estado de alma. E os de Mortágua, que ali vão meditabundos, perturbados pela beleza taciturna da Lagoa, resolvem modificar a scenografia...

Afastamo-nos da margem, subimos a vertente entoando cantos sacrílegos, e, em meia hora, das suas jazidas seculares rolam três poios enormes, atroadoramente, das íngremes, rápidas chapadas sobranceiras.

Uma raposa, estremunhada, sai dum fojo correndo.

Patos grasnam, assustados. Até as águias estremecerão nas penhas!...

Mas o guia Ereia aponta-nos, ao cimo da vertente oposta, a Lagoa-Escura.

Já tocamos a margem direita da Lagoa Comprida. Avista-se a Terra-Chã.

Pisamos sempre *sérvum* e musgos brancos e doirados que aveludam o nardo.

Encontramos o teixo — *Taxus baccata* — parecido com o zimbro, mas dum tom diferente de folhagem.

Na vasta massa líquida, e à volta, há muitas plantas aquáticas. *Potamageton natans, Fetusca spadicea, Luzula silvatica, L. campestris, Veronica arvensis. Epilobium alpinum, Miosotis linguata, Narcissus nivalis, Narcissus rupicola, Ranunculos adscendens, Viola palustris, Arenaria montana, Poa annua, Deschampsia fluxeosa, Ajuda piramidalis, Erica umbelata, Juncus squarosos*... Nenhum peixe existe. Vimos muitas rãs. Da fauna terrestre, além das aves, não vimos, próximo, senão sardões e gafanhotos.

Ao fundo, está a barragem da Eléctrica. Uma levada se dirige para norte, inflectindo depois para os lados de S. Romão, a nordeste, e recebendo no percurso a água do Sabugeiro.

A hulha branca, que há tantos anos era entre nós uma obsessão rètórica, encontrou pela primeira vez aqui realidade. Lá em baixo, a levada fia e tece...

O sol desapareceu numa maré de sangue e oiro. A lua sobe já, serena e fria, majestática senhora das sombras.

NOSSA TERRA

DA MÃE LÔBA
DA SERRA DA ESTRÊLA

Nenhum vôo, nenhum grito, nenhuma voz! Só os nossos passos ecôam, apagados soturnamente na solidão.

A lagoa espelha os primeiros clarões do luar e os últimos raios do sol, lagoa estígia onde se prendem a vida e a morte, onde se sepultam o prazer e dôr, sob o mesmo níveo lençol de infinita melancolia.

No silêncio caminhamos, enlevando no mesmo sonho as nossas almas.

Sôb o magnético palôr, a natureza como que nos funde a todos no mesmo ser — conglomerado humano, errático entre os blocos de granito, imerso e absorto na palpitação eterna do tempo.

Avizinhando-nos do acampamento, o lume da lareira da Arca flamejou. Logo despertaram os nossos sentidos e acordou a nossa individualidade, e se separou a areia sôlta que somos, minùsculamente girando à volta do mistério imanente.

A *Ribeira* ladrou; e com o lôbo, no mais fundo recesso do seu covil, estremecemos ainda como num pânico de combate.

O homem, mais astuto que a fera, mais feliz, teve ceia, e comeu — e devorou...

A noite da Serra pesadamente se fechou. Na solidão e no silêncio paralisado, o ar não vive. Nem um sôpro de brisa, nem o rumor de uma asa. Dorme o céu, dorme a terra, as plantas dormem. Apagou-se a lareira da Arca. Sem um clarão, o descampado assombra.

No meu quarto de vela, subo à penedia.

Um arrepio me denuncia lôbo.

Risco um fósforo. Flameja o verde zimbro resinoso.

E a chama fala. Cicia, conversa, interpela, grita, ergue-se em súplica, em imprecação, em blasfémia... O que me diz a chama?

O fogo tem alma. Fala agora de amor — o amor é fogo — numa gama indefinível de beijos, numa escála cromática de suspiros; segreda e ri e canta e chora.

Findo a minha nocturna ronda. Volto ao acampamento, imerso em trevas.

E sôbre a colina o incêndio lavra — é um Monte-Tabôr de transfiguração...

4 da manhã. Azulino e diáfano, o ar tinge-se de rosa; oirifulva-se o oriente de ardentes vagas.

Um rebanho na Serra da Estrêla

Em volta, ondulações suaves. Depois, é um largo circuito de muralha, onde o rochedo irrompe em rude escarpa.

O cachoar da Cascata da Fervença

Divago nos bastiões da formidável fortaleza. Percorro os seus brutos lanços. E, ao sol nascente, sonho a primitiva Cava de Viriato, cercada de fossos, caindo em ruinas, nêste selvático e bélico reducto.

Já a luz, inundando a Estrêla, é um hino de clamorosa glória!

Ás 7 horas, descemos para o Chão das Poças. Em frente as Varandas, magnífico anfiteatro de dois quilómetros de extensão, alto de cem metros, à vista do qual considerado, o Coliseu romano é bem mesquinho.

Entramos no Covão da Víbora, vasta bacia que liga por um estreito com o Covão da Loba Parida...

Deixando o gado a seu filho, o pastor descera ao Sabugueiro.

Quando à tarde voltou, o lôbo velho visitara o rebanho. Mas, aos gritos da criança que o defrontou, afastára-se pelos Charcos, pesadamente trotando pela neve tenra.

Martinho escutou, silencioso, a má nova, beijou o filho que a morte poupara, e começou seguindo o rasto. Próximo das Varandas, estaca, surpreendido.

Lôbo e lôba, debaixo dum botoiral, vigiam os seus passos, com os olhos de lume, que encanta e prende. Martinho recua, atónito, até à Pedra do Cadeirão. E fica scismando...

Dias e dias observara as veredas, examinara o piso, quando certa manhã, matreiro, rastejou até ao descoberto covil. Sós, três lôbozinhos brincavam na caverna onde o sol subia. Ràpidamente os recolheu na manta, tremendo ao caricioso contacto dos focinhitos húmidos que procuravam as suas mãos ansiosas. E, como um salteador, correu pelo Covão deserto...

Ainda não chegara à Arca, quando um uivo, lancinante e terrivel, de álgida cólera, ecoou sinistramente.

E a lôba, abandonando-se à bravia dôr, no fundo do seu fôjo caíu na modorra taciturna de quem rumina sôbre o infando desastre a implacável vingança...

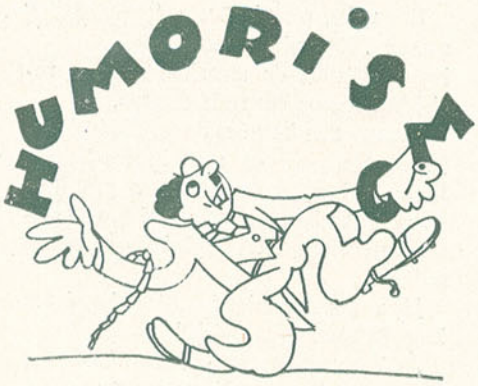
Meses volveram. Impiedoso, o inverno veio. Lôbos descem ao povoado. Dois vultos rondaram a casa de Martinho.

Sente-se um arrombar de portas. Gritos de aflição.

Ao janelo, reluz um cano de espingarda. E Martinho vê, ao clarão do luar, correr na neve o lôbo velho, que leva a melhor ovelha do rebanho, e a lôba que uiva, de satisfação, guiando seus filhos, libertos...

LOPES D'OLIVEIRA

HUMORISMO



Há que tempos, que nos não vemos! Por onde tens andado? O que tens feito?...

— Tenho andado á procura de uma sogra que me convenha, e quando a encontrar, se a sua filha quizer, casarei com ela.

■

Na junta de inspecção militar:

— Tem algum defeito?

— Sim, senhor. Sou muito curto de vista.

— Como prova isso?

— Fàcilmente. O sr. doutor vê aquela môsca acolá na parede?

— Vejo.

- Pois eu não a vejo.

■

— O' Francisco, onde pôs um papel que estava na algibeira do casaco do

— E as nossas mulheres sem saberem onde passamos a noite.
— E' verdade. E a propósito, onde diabo é que nós passámos a noite?

senhor, quando o escovou esta manhã.

— Ora essa! minha senhora, eu não vi papel nenhum.

— Havia de vêr por força. Era uma nota de 50 escudos.

— Pois minha senhora, já que a senhora tanto aperta, direi a verdade. O único papel que achei no bolso, e que tinha guardado para evitar questões, foi esta cartinha, de uma tal D. Rosa e que a senhora ha de gostar de vêr.

■

— Parece incrível que tu, sendo o prototipo da elegância, uses êsse chapéu tão antigo e tão estragado.

— Sabes porquê? Porque a minha sogra me disse que não sai comigo enquanto não comprar outro.

■

— Mas porque é que a mamã me bate?

— Porque não tens juizo nenhum nessa cabeça...

— Mas não foi aí que a mamã me bateu!

■

Uma dama repreendia uma criada, que estava ha três meses em sua casa), mas que só recebera um mês de ordenado) por esta mostrar certa desconfiança.

— De que tem você mêdo? — preguntou-lhe a senhora — sabe perfeitamente que os seus ordenados estão *correndo*.

— E por isso mesmo: tenho mêdo depois de os não poder apanhar.

■

O patrão (furioso para um caixeiro encarregado de tratar um negócio importante): — Sabe o que lhe digo? O senhor andou, já não digo como um pedaço de asno, mas como dois asnos!...

O *caixeiro* (atrapalhado): — Mas patrão, eu representava a firma.

■

— Que fazes, menina?

— Estou dando côr á boneca.

— Com genebra? Mas como queres tu que êsse líquido, que é branco, dê côr vermelha á boneca?

— Ora essa! Pois a mamã não diz

— Já te disse que o lugar do cão é no quintal.
— Ó filho! e se o roubam?

sempre que a genebra é que põe vermelho o naris do papá?

■

— Então rapaz, tu limpas o prato com o lenço de assoar?

— Não tem dúvida, o lenço já estava sujo...

■

A mulher para o marido que está fazendo os convites para um jantar.

— Não te esqueças de convidar o dr. Luiz. E' tão feio, tão feio, que tira aos outros a vontade de comer.

■

Uma senhora de idade, com um vestido bordado, fingindo aranhas, pregun-

— Que lindos dentes tem aquela senhora!
— Acha? Muito obrigado!
— E' o marido dela?
— Não. Sou o dentista.

tou a um sujeito muito espirituoso o que tinha êle a dizer a tanta aranha.

— Nada, minha senhora, porque tais bichinhos são próprios das paredes velhas ou pouco asseadas.

■

— Desengane-se, D. Úrsula. A Amélia tem verdadeira vocação para o teatro, e fará bem em seguir esta carreira.

— É essa a sua opinião?

— Sem dúvida! Continue ela desempenhando os papeis de tiple cómica, e irá muito longe.

— E quando pensa o senhor em levá-la a viajar!

■

— Minha senhora, venho pedir a v. ex.ª a mão de sua filha.

— Que pouca vergonha! Então o senhor pretende que eu lhe dê minha filha?

— Mas, minha senhora, se prefere emprestar-ma, não vou fóra disso...

■

Numa correccional:

— O reu tem a acrescentar mais alguma cousa?

— Não, senhor juiz; o dinheiro que tinha já o dei todo ao meu advogado.

O IV CENTENÁRIO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

O sr. Presidente do Conselho entre os srs. ministro da Educação Nacional, drs. Caeiro da Mata e José Alberto dos Reis nas salas da Universidade, após a sua chegada a Coimbra. *Ao centro:* As delegações estrangeiras — A cerimónia do doutoramento na Sala dos Capelos. *Em baixo:* O sr. Cardial Patriarca com o sr. dr. Carneiro Pacheco, o presidente da Assembleia Nacional, o reitor da Universidade, o governador civil de Coimbra e as individualidades condecoradas

O IV Centenário da Universidade

Restos dos Paços da Universidade de Lisboa, ás Escolas Gerais

A passagem do IV centenário do estabelecimento definitivo da Universidade de Coímbra foi comemorado com a maior solenidade.

Antes que D. João III se decidisse a mudar a Universidade para Coímbra, quantas voltas levou a veneranda instituição do Rei Lavrador.

Como é sabido, a fundação dos Estudos Gerais deve-se a D. Deniz que, reunindo em 12 de Novembro de 1288, em Montemór-o-Novo, vários prelados apresentou a sua sugestão. Este conselho, atendendo ao estado das relações entre o monarca e a Santa Sé, solicitaram por si o indulto apostólico para a fundação da Universidade.

A bula da confirmação *De statu regni Portugaliæ* chegou só dez meses depois. Onde edificar a Universidade? Foi escolhido o lugar da Pedreira, no bairro de Alfama, que, a todos, pareceu o melhor. Ali se ensinavam Leis, Cânones, Gramática, Lógica e Medicina. Sòmente em 1309 é que se começou a ensinar a Música.

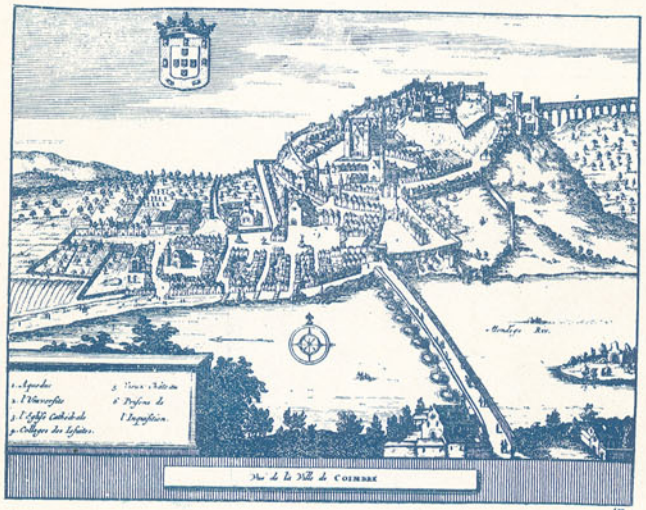
Em 1308 foi a Universidade transferida para Coímbra, funcionando as aulas em casas particulares próximas do paço da Alcáçova até ser construido o colégio de S. Paulo. As aulas e habitações dos estudantes eram da porta de Almedina para cima. O mestre de Leis ganhava seiscentas libras; o de Decretais, quinhentas; o de Medicina ou de Gramática, duzentas; o de Lógica, cem; e o de Música, noventa e cinco. Cada um dos conservadores ganhava quarenta libras.

Trinta anos depois, D. Afonso IV transferiu a Universidade para Lisboa, resolvendo, dezasseis anos volvidos, mudá-la novamente para Coímbra.

Por sua vez, o rei D. Fernando transferiu-a em 1377 para a sua muito amada cidade de Lisboa, colocando-a nas Escolas Gerais, em Alfama, e impetrou do papa Gregório II a bula para que se dessem graus de bacharel, licenciado e doutor, e se usassem as insígnias.

A Porta Férrea, vendo-se no nicho o rei D. Diniz, fundador da Universidade

Coímbra do Séc. XVI



D. João I, em 1384, confirmou à Universidade todos os seus privilégios e prometeu que ela havia de estar perpetuamente em Lisboa, não podendo ser mudada para Coímbra nem qualquer outra parte. O infante D. Henrique teve as honras de ser o primeiro protector dêste estabelecimento de ensino, doando-lhe umas casas que comprára à sua custa na freguesia de S. Tomé, abaixo de Santa Marinha, com a condição de se estabelecerem aulas de Geometria e Astronomia. Nas referidas casas fôram acomodadas as aulas das sete artes liberais, ficando as ciências maiores no antigo edifício.

D. Garcia de Almeida, 1.º reitor da Universidade

Pórtico da Capela da Universidade

D. Manuel, em 1496, ampliou a velha casa da Moeda, aumentando o ordenado aos lentes e o número de cadeiras. Ordenou que o ensino de Teologia, que até ali se dava nos conventos de S. Domingos e S. Francisco, se fizesse na Universidade juntamente com a Filosofia moral e astronómica.

Surgiu finalmente D. João III que, em 1537, mudou definitivamente a Universidade para Coímbra. Começou então o período mais brilhante da história universitária. Ao Rei Piedoso se deve também o ter enviado alunos portugueses para as universidades de Paris, Bolonha, Oxford e Salamanca.

Professor universitário com as insignias doutorais

No convento de Santa Cruz estavam as duas faculdades de Teologia e Artes. As de Medicina, Jurisprudência e Decretais eram ensinadas na casa que D. Garcia de Almeida, primeiro reitor da Universidade, ofereceu junto à porta de Belcouce, onde mais tarde se levantou o convento de Santo António da Estrela, em 1715.

D. João III concedera à Universidade os paços reais, reedificados por D. Manuel para aí se instalarem as aulas. Felipe II regateou esta doação; e a Universidade viu-se na dura necessidade de comprar-lhe o seu suposto direito por trinta mil cruzados.

Isso não obstou a que em 1634 — estava-se sob o jugo felipino! — fôsse colocada a estátua de Felipe II na Porta Férrea!

Das várias reformas que teve a Universidade e dos respectivos Estatutos, a que mais importante é, sem dúvida, a de 28 de Agosto de 1772 e que ainda se mantém. É a notável reforma pombalina, tão radical e profunda que logo assentou sòlidamente.

O marquês, usando dos seus poderes especiais de reformador, foi a Coímbra com uma vistosa comitiva e ali se demorou um mês, pois tanto gastou na reforma. Para as novas faculdades, então criadas, vieram habeis professores estrangeiros, e para satisfazer as exigências do ensino foram construídos e adoptados vários edifícios.

Dr. João Duarte de Oliveira, actual reitor da Universidade de Coímbra

Após a morte do marquês de Pombal, houve sérias tentativas para inutilizar a reforma, mas valeu-lhe o grande talento e dedicação do reitor D. Francisco de Lemos com a sua dissertação *Relação geral do estado da Universidade de Coimbra desde o princípio da nova reformação até ao mês de Setembro de 1777, para ser presente à Rainha Nossa Senhora.*

O actual edifício da Universidade é um conjunto de diversas épocas e estilos. Transpondo a Porta Férrea, essas construções aparecem em volta do extenso pátio. A fachada considerada principal, do lado norte, é ladeada por duas galerias de colunatas, a que dão o nome de Via Latina, ostentadas por elegantes colunas jónicas e servidas por largas escadarias de acesso. O frontespício é uma apoteose grandiosa ao rei D. José, cuja efígie está ladeada de figuras e ornamentações alegóricas admiràvelmente executadas. É ali a entrada da Sala grande dos actos, ou dos Capelos, concluída por D. João IV.

Universidade de Coimbra — Via Latina

Dentro desta sala respira-se um ar pesado e sombrio, de religioso respeito. Ao fundo está o púlpito para o decano da faculdade e aos lados as bancadas para os doutores. A cerimónia da imposição do capelo é solenissima e imponente, sendo a mais grave e espectaculosa de todas as festas académicas.

Pelo nascente corre a frontaria do antigo colégio, realçada por um pórtico e por um frontão sustentado por duas cariátides colossais. Na face fronteira está a capela manuelina com o seu formoso portal e esbeltas janelas. O interior é alegre e gracioso. Esta obra foi concluída no tempo de D. João III, sendo arquitecto Pero Anes.

Num recanto próximo ergue-se a grande torre de forma quadrangular que realça mais vista de longe. Domina todos os edifícios da Universidade com a sua altura de 33 metros e meio. Começada em 1728, foi terminada cinco anos depois, importando em 14.543$522 réis. Do terraço superior disfruta-se um vastíssimo panorama, deveras curioso pelos meandros do Mondego que serpeia por entre a vegetação.

Contígua à capela fica a bibliotéca que D. João V mandou edificar e que custou 66.622$129 réis. É certo que êste rei manifestou mais uma vez a sua magnificência; mas, se atendermos às maravilhas que encerra, daremos por bem empregada a imponência do invólucro.

Em resumo: a Universidade de Coimbra recebeu vários benefícios de alguns dos soberanos portugueses, mas nenhum tão importate e grandioso como o que D. João III lhe concedeu.

Razão tem, pois, a veneranda cidade para estar grata ao tão discutido rei que lhe satisfaz a sua mais ardente aspiração, ainda mais a contento do que o rei D. Denís de saüdosa memória. Por isso, Coimbra embandeirou em arco.

O IV CENTENÁRIO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A cerimónia do hastear das bandeiras no pátio da Universidade. Foi êste o início das comemorações. Na Via Latina tomaram lugar o reitor da Universidade, professores, as delegações estrangeiras, representantes dos vários organismos, estudantes e muitas senhoras. As janelas e varandas do edifício encontravam-se repletas.

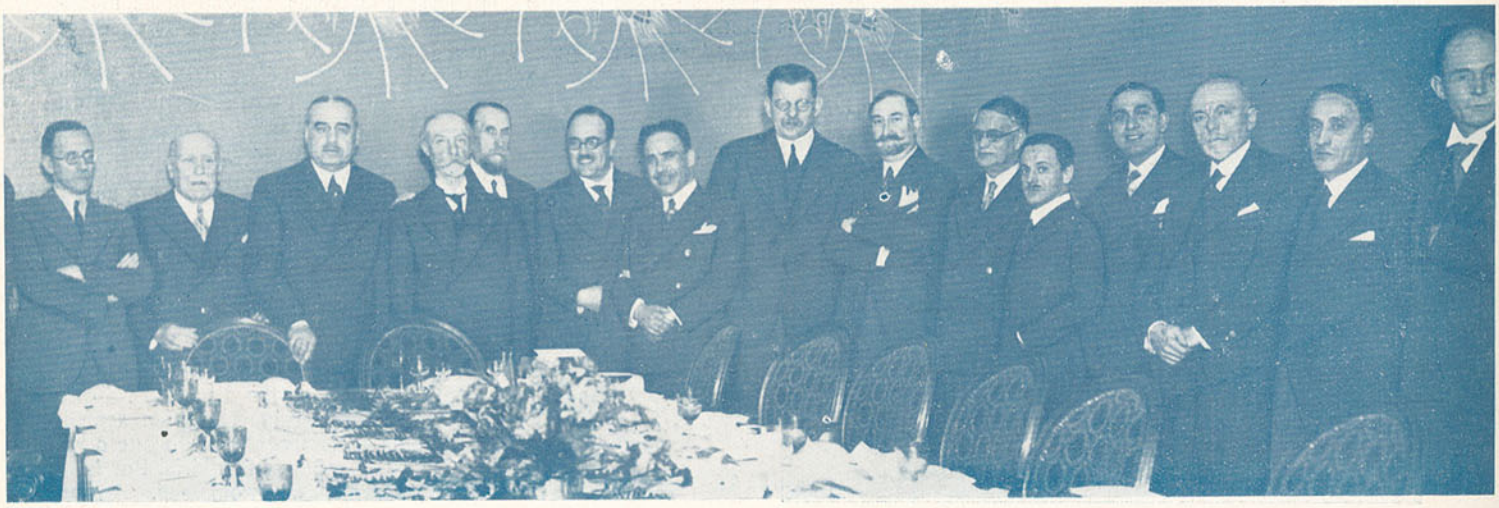
No Pátio, defronte da Via Latina, formavam um batalhão da «Legião Portuguesa», sob o comando do sr. dr. António Vieira Júnior; três castelos da «Mocidade Portuguesa», comandados pelo graduado Francisco Cardoso Pinto, e a banda da P. S. P.

Na Porta Férrea, a guarda de honra era feita por bedeis e archeiros, que ostentavam os uniforme de gala.

A's 16,20, um clarim da P. S. P. tocou a sentido e, no meio de solene e impressionante silêncio, subiu na Tôrre da Universidade a bandeira nacional.

A sessão solene na Sala dos Capelos no momento em que discursava o reitor. Presidiu o sr. dr. José Alberto dos Reis, ladeado pelos srs. ministro da Instrução e reitor da Universidade de Coimbra. Num cadeiral colocado à direita da mesa de honra sentou-se o sr. Cardial Patriarca, seguindo-se o Corpo Diplomático e professores das várias Faculdades

O reitor da Universidade num dos seus discursos. Em baixo: A assistência ao banquete oferecido ao dr. Chatelet, chefe da delegação francesa



VIDA ELEGANTE

A sr.ª D. Maria Domingas Luisa de Sousa Coutinho, e o sr. Manuel Luís das Mercês de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), por ocasião do seu casamento. Os noivos no altar mór, devois da cerimónia

(Foto *Diniz Salgado*).

Festas de caridade

CHÁ MAH-JONG

Com uma enorme e selecta concorrência, realizou-se na tarde de 27 de Novembro último, nos salões do Club Tauromáquico, gentilmente cedido pela direcção desta elegante agremiação, a primeira festa de caridade dêste inverno, que constou de Chá Mah-jong, cujo produto se destina a favor dos Tradicionalistas Espanhóis e do Cofre de Benificência do Govêrno Civil de Lisboa, levada a efeito por uma comissão de gentis senhoras solteiras, pertencentes à nossa primeira sociedade da qual faziam parte as seguintes: D. Maria de Aguiar Cabral, D. Maria Cândida Malheiro Reimão, D. Maria do Carmo Duffner, D. Maria Carolina Supico Pinto, D. Maria Emília Seabra da Câmara (Ribeira Grande), D. Maria Fernanda Fernandes Velasco de Oliveira, D. Maria Filomena de Bragança Correia de Sá (Asseca), D. Maria Francisca Figueira Freire de Castro Constâncio, D. Maria da Graça Rosa de Oliveira, D. Maria Helena Diogo da Silva Teixeira, D. Maria Josefina Dargent Pereira Caldas, D. Maria de Lourdes Barros da Costa Belmarço, D. Maria Luisa Graça (S. Mamede), D. Maria Luisa Peile da Costa Maia, D. Maria Luisa Penalva de Mascarenhas (Tôrre), D. Maria Palmira Morais Pinto e D. Maria Rita Correia de Sampaio de Seabra, tendo também havido mesas de «Bridge» e de «Bluff».

A comissão organizadora deve decerto ter ficado plenamente satisfeita, com os resultados obtidos na primeira festa de caridade dêste inverno tanto financeiro como mundano.

Casamentos

Realizou-se em Barcelos na capela do Solar da Fervença o casamento da sr.ª D. Maria Madalena Machado Pais d'Araujo Felgueiras Gayo Fervença, filha dos srs. Viscondes de Fervença com o engenheiro sr. Luís Avelar Maia Loureiro, filho da sr.ª D. Maria Tereza Maia de Loureiro e do sr. dr. Samuel Maia.

— Pela senhora condessa de Paçô-Vieira, foi pedida em casamento para seu sobrinho D. Gonçalo Manuel Vieira de Vale-Peixoto e Vilas-Boas (Guilhomil), filho dos srs. viscondes de Guilhomil, Miss Margaret Neville Kendall filha de Mr. Edward Neville Kendall e Mrs. E. N. Kendall.

— Na paroquial de Santa Isabel, celebrou-se com a maior intimidade devido ao recente luto do noivo, o casamento da sr.ª D. Maria Emília de Lemos Franco, gentil filha da sr.ª D. Maria da Fresta de Lemos Franco e do sr. Artur Franco, já falecido, com o sr. D. Alberto de Saldanha da Gama de Cabedo e Vasconcelos (Zambujal) filho da sr. viscondessa de Zambujal e do falecido visconde do mesmo título, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Júlia de Castro e Almeida de Melo Breyner e D. Maria Teresa de Cabedo e Vasconcelos (Zambujal), e de padrinhos os srs. capitão Henrique Galvão, presidente da Comissão Administrativa da Emissora Nacional, e D. Alexandre de Saldanha da Gama de Cabedo e Vasconcelos (Zambujal).

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

— Celebrou-se na Basílica da Estrêla, o casamento da sr.ª D. Maria Amália Rosanes de Carvalho, gentil filha da sr.ª D. Amélia Maria Vilar Rosanes de Carvalho e do sr. dr. Álvaro Rosanes de Carvalho, com o sr. Acácio Borges da Silva, funcionário superior do Instituto Geográfico e Cadastral, filho da sr. D. Ernestina de Brito Borges da Silva, e do falecido escrivão de direito sr. Jaime Ernesto da Silva, servindo de madrinhas a mãe da noiva e a sr.ª D. Maria de Lourdes de Giraldes da Costa e de padrinhos o pai da noiva e o sr. D. Nuno Giraldes da Costa (S. Miguel).

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas, para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

— Pela sr.ª D. Adelaide Franco Ferreira, esposa do sr. José Alexandre Ferreira, foi pedida em casamento para seu filho José, a sr.ª D. Alda Florido Antunes, interessante filha da sr.ª D. Florinda Florido Antunes e do nosso amigo sr. Salvador José Antunes, devendo a cerimónia realizar-se por todo o próximo ano.

— Com a maior intimidade, devido ao luto da família da noiva, celebrou-se na paroquial de S. Jorge em Arroios, o casamento da sr.ª D. Maria Aldegundes de Saldanha da Gama de Cabedo e Vasconcelos (Zambujal), gentil filha da sr.ª viscondessa de Zambujal e do falecido visconde do mesmo título, com o sr. Manuel Maria Alua Simas, filho da sr. D. Inês Catarina Travassos Alua Simas e do sr. dr. José Maria de Simas, tendo servido de madrinhas a sr.ª D. Maria Helena Rodrigues de Sousa, irmã da noiva e a mãe do noivo e de padrinhos os srs. D. Eduardo Guedes de Queirós (Foz) e D. Sebastião de Oliveira de Almeida Calheiros Lancastre, amigos íntimos do noivo, presidindo ao acto o prior da freguesia revendo cónego sr. dr. Martins Pontes, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução. Sua Santidade, por intermédio da tia do noivo reverenda Madre Inês da Conceição Castro Simas, dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimónia foi servido um finissimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas e valiosas prendas.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Maria Amélia Capos Teixeira de Sampaio, esposa do distinto engenheiro sr. Manuel Teixeira de Sampaio e neta do sr. conselheiro Fernando de Sousa, ilustre director do jornal «A Voz». Mãe e filha estão de perfeita saúde.

— Em Caxias, teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Ana Maria de Sousa Botelho de Matos e Noronha Pais de Ramos, esposa do nosso amigo capitão de cavalaria e professor sr. Abílio Pais de Ramos. Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

Na Maternidade Dr. Alfredo Costa teve o seu bom sucesso, a sr. D. Maria Luiza Cirme de Vasconcelos Nogueira, esposa do sr. António Malheiro Reimão Nogueira. Mãe e filha estão de perfeita saúde.

— A sr.ª D. Julieta Caldeira Marques da Costa, esposa do nosso presado colega do «Diário da Manhã», sr. José Maria Marques da Costa Júnior, teve o seu bom sucesso. Mãe e filho estão felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso na Maternidade Dr. Alfredo Costa, a sr.ª D. Maria Laura Craveiro Lopes de Oliveira, espôsa do sr. Craveiro Lopes de Oliveira; assistida pelo distinto cirurgião sr. dr. Costa Felix. Mãe e filho encontram-se bem de saude.

— Teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Maria Domingas de Siqueira e Noronha de Santana e Vasconcelos, espôsa do sr. José de Souza Santana e Vasconcelos Nogueira. Mãe e filho estão de perfeita saúde.

D. NUNO.

Casamento da sr.ª D. Maria Madalena Machado Pais d'Araujo Felgueiras Gayo Fervença com o sr. Luís Avelar Maia Loureiro

A chilena Lizana, que os americanos consideram a melhor jogadora de tenis do ano de 1937

A QUINZENA DESPORTIVA

APEZAR da distância que nos separa já do acontecimento, a abertura natural desta crónica não pode ser outra senão a referência à brilhante vitória, obtida em Vigo pela nossa selecção nacional de football sôbre o onze representativo da Espanha Nacionalista.

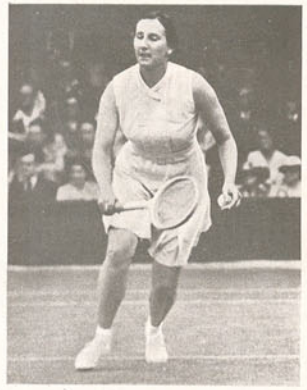
Embora seja incontestável que o grupo adversário acusava a influência das pesadas circunstâncias anormais em que se debate o país visinho e se resentia da ausência dalguns elementos retidos ou pertencentes à facção política contrária, parece-nos que nunca a equipa portuguêsa disputou um prélio em tão ingratas condições gerais: vencedora, como sucedeu, haverá sempre espíritos pessimistas para lhe minorar o valor do triunfo invocando os pretextos que acima referimos, mas se houvesse perdido ninguém ponderaria atenuantes e o prestígio do nosso football sofreria rude golpe.

A jogadora polaca Jedrzejowska foi uma das estrelas que mais brilhou nos torneios oficiais da temporada

Tinhamos, portanto, muito mais a perder do que a ganhar.

No seu 36º encontro internacional, os portugueses conseguiram felizmente o seu 11º triunfo, que foi o primeiro contra a Espanha ao 13º embate; mais agradável ainda nos é considerar uma vitória conseguida em terra estrangeira, facto que não voltara a suceder desde as jornadas olímpicas de Amsterdão em 1928.

A lista dos jogos com a nação ibérica, a que mais agrava o arquivo das pugnas internacionais do football português, insere antes da vitória tão esperada dêste ano, 2 empates e 10 derrotas, tudo cifrado num total de 38 bolas sofridas contra 10 apenas marcadas a favor; para satisfação dos curiosos acrescentaremos que os avançados portugueses que conseguiram violar as rêdes de Espanha, fôram Alberto Augusto, Jaime Gonçalves, João dos Santos, José Manoel Martins, Vitor Silva, Adolfo Mourão, Alfredo Valadas e três vezes Artur de Sousa.



Dorothy Round destacou se da falange numerosa das jogadoras inglesas pela sua regularidade e poder

Os restantes 23 encontros, nos quais tivemos por adversários onze nações diversas, fôram disputados 10 dêles além fronteiras (2 vitórias, 1 empate e 7 derrotas), e os restantes em território lusitano (8 vitórias, 3 empates e 2 derrotas). Depois da Espanha, só a Austria e a Alemanha nos bateram em nossa casa.

O grupo que alinhou em Vigo e conquistou uma vitória histórica, compreendeu treze jogadores, visto haverem sido trocados ao intervalo dois elementos, Quaresma e Amaro, ambos estreantes na internacionalização; dos outros onze, o guarda-rêdes Azevedo, herói da partida, e o avançado centro Espírito Santo, eram também estreantes, José Simões e Gaspar Pinto vestiam a camisola nacional pela terceira vez; Albino e Carlos Pereira pela quarta; Gustavo Teixeira, Manuel Soeiro e Alfredo Valadas pela quinta; Adolfo Mourão pela sexta e Artur de Sousa pela décima segunda vez.

Em complemento de informação, acrescentemos que apenas 12 jogadores ultrapassaram até à data as dez selecções. Fôram êles: Augusto Silva e Waldemar Mota (21), Vitor Silva (19), Carlos Alves (18), Cesar de Matos, Raul Figueiredo e Jorge Vieira (17), António Roquete (16), José Manuel Soares (14), António Pinho e Artur de Sousa (12), Armando Martins (11), João dos Santos e José Manuel Martins (10).

O êxito do grupo representativo nacional, não só pelas condições em que foi alcançado mas ainda pelo valor absoluto do conjunto escolhido por Candido de Oliveira, e ao qual a crítica portuguêsa ou espanhola prestou unânime homenagem, é de bom augúrio no início duma época que vai ser para os nossos selecionados de pesadas responsabilidades internacionais.

Em princípios de Janeiro, a Hungria vai servir de contraprova, essa sem quaisquer objecções a levantar, quanto a categoria dos jogadores; e, semanas depois, a Espanha virá pagar-nos a visita e os incrédulos e maledicentes poderão constatar por observação directa que o onze nacionalista possui uma classe de jôgo que não destoa das tradições.

Se a sorte nos acompanhar, e a vitória voltar a sorrir-nos de ambas as vezes, o grupo de Portugal conquistará o direito da confiança de tôda a população desportiva para as lutas mais difíceis que o esperam na Suiça e na Alemanha.

■

Sôbre o solo salgado do lago sêco de Bonneville, nos Estados Unidos, o condutor, inglês G. E. T. Eyston, utilisando uma nova máquina que batisara com o nome de "Thunderbolt", bateu o record mundial de velocidade em automóvel que pertencia ao seu compatriota Campbell.

Susana Mathieu a única jogadora francesa de classe, conquistou em todos os grandes torneios um lugar entre os postos de honra

Num percurso marcado na extensão duma milha, o arrojado piloto obteve nos dois sentidos, a favor e contra o vento conforme estipula o regulamento internacional, as velocidades incriveis de 491,km 393 e 511 km 365, fixando a média homologável em 501,km 177 à hora.

Para focar claramente o valor prático da proêza, que os números não permitem medir, basta acrescentar que esta velocidade horária corresponde a percorrer 1609 metros em 11,5 segundos, o tempo que os nossos corredores pedestres precisam para completar 100 metros.

Se fôsse possível manter para larga distância o mesmo andamento velocissimo do engenho e o equador correspondesse a uma autostrada Eyston completaria a volta máxima ao mundo em 80 horas.

A evolução do record da velocidade traduz de maneira frisante os progressos da indústria mecânica.

O primeiro máximo reconhecido oficialmente data de 1898, fixado em 63,km 157 pelo conde de Chasseloup-Laubat; em 29 de Abril de 1899, o alemão Jenatzy era o primeiro a ultrapassar os cem à hora, atingindo a média de 105,km 882.

Para exceder os duzento houve que esperar dez anos (8-XI-1809, Hémery, 202,km 691), mais 28 para alcançar os tresentos (29-III-1927, Segrave, 326,km 678), apenas cinco anos para subir mais uma centena 24-II-1932, Campbell, 408,km 720) e, finalmente, outros tantos (19-XI-1937) para completar o meio milhar de quilómetros à hora.

As máquinas aérias ultrapassaram há muito êste limite; o hidro-avião, cuja máxima velocidade foi estabelecida pelo italiano Agello com 709,km 209, dêsde 1928, e o avião terrestre cujo record actual pertence ao alemão Wurter com 611,km 004, dêsde 1934.

As principais características do "Thunderbolt", munido de dois motores de aviação com compressor de cilindrada total de 73 litros e o poder equivalente a 4.700 c. v., são as seguintes: comprimento 10m,20, largura 2m,5 e altura 1m,27; assenta sôbre seis rodas, das quais as quatro anteriores estão ligadas à direcção e as duas posteriores são duplas e tractoras; o pêso de todo o carro munido dos apetrechos necessários ascende a 7.366 quilos.

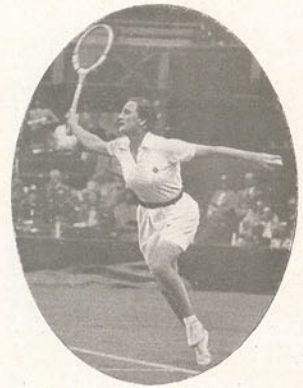
Entre muitos outros números curiosos que poderíamos citar, afirma a imprensa inglesa que o calor desenvolvido pela travagem era tão intenso que bastaria para elevar à fervura 200 litros de água.

O êxito do automobilista inglês veiu despertar novos apetites, e nos meios industriais alemãis fala-se já na construção duma máquina aperfeiçoada que atingiria maior velocidade com muito menor dimensões e poder.

Nos meios da aviação, a actividade dos pilotos e constructores orienta-se em sentido diferente, estabelecendo em viagens de estudo as bases de novas carreiras comerciais ou a melhoria de rendimento das já existentes.

Enquanto não iniciam os seus voos preparatórios para as carreiras de travessia do Atlântico Norte, os técnicos franceses asseguram a sua supremacia na ligação da Europa com a América do Sul, realizando em tempo "record" a viagem de Paris ao Chile; saindo do Bourget num sábado às 10 horas e 9 minutos com um quadrimotor comercial, a equipagens Codos-Reine-Gimié-Vauthier aterrou em Santiago na segunda-feira às 20 horas e 55 minutos, tendo portanto percorrido 13.300 quilómetros em 2 dias

A dinamarquesa Sperling foi, na opinião dos técnicos europeus a tenis a mais em dês aque durante o ano



Miss Helen Jacobs a campeã americana que ocupa ainda um dos primeiros postos na lista mundial

10 horas e 46 minutos, correspondendo à velocidade de transporte de 226 quilómetros à hora.

O avião desceu quatro vezes durante o caminho, parando duas horas em Istres, duas horas e meia em Dakar e no Natal, três quartos de hora em Buenos Aires.

A par desta viagem de finalidade essencialmente prática, uma equipagem inglesa realizou uma outra também notável mas ditada por um espírito prático diferente, o reclamo.

A inglesa mrs. Betty Kirley-Green, proprietária de dois "bars" em Londres, obteve o diploma de piloto e no mesmo dia voou da cidade do Tamisa àquela que o Sena atravessa; o facto, pela sua audácia, impressionou o espírito público...

SALAZAR CARREIRA.

Os aviadores franceses Reine, Codos e Girié, que voaram de Paris a Santiago do Chile em dois dias e meio

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 4

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Fábula, de Chompré; Rifoneiro, de Pedro Chaves; Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios, de Jaime Rebêlo Espanha; e Dicionário de Sinónimos, de J. S. Bandeira.

CONCURSO CHARADÍSTICO

No intuito de animar e desenvolver esta secção, de que fomos recentemente encarregado, tomámos a iniciativa de promover nela, durante o 1.º trimestre do próximo ano, um concurso charadístico que talvez venha ainda a fazer sombra ao organizado pelo nosso distinto confrade Jofralo nos dois primeiros números de *O Charadista*, a publicar!...

Já temos em nosso poder alguns valiosos prémios e esperamos receber ainda outros dos nossos estimados confrades. No próximo número será publicada a lista de todos os que até então nos forem remetidos, indicando-se as entidades ofertantes. Serão distribuïdos, como é lógico, entre produtores e decifradores. Só depois de sabermos, com uma certa aproximação, o número e valor dêsses prémios, de que poderemos dispor, é que indicaremos a sua maneira de distribuïção. Por agora interessa que os ilustres confrades nos enviem a sua colaboração destinada àquele concurso.

IMPRENSA

A Charada. Acaba de ser publicada o 15.º número dêste órgão edipista que, pelo aspecto elegante com que se apresenta e óptima colaboração que insere, honra os seus dirigentes.

CORRESPONDÊNCIA

Yzinha. — Agradecemos a vossa apreciada carta e esperamos, em breve, a gentileza da vossa colaboração.

Braz Cadunha e *R. Maia.* — Acusamos a recepção da vossa colaboração que em breve publicaremos gostosamente.

TRABALHOS EM VERSO

CHARADAS NOVÍSSIMAS

III

1) E vós, Omnipotente, eterno Guia
Dos astros... terra e mar... do Céu sem fim,
De todo o ser que a natureza cria,

Porque me privas *desde* há muito, emfim, — 1.
Da luz dêsse teu brilho redentor?...
Mas... perdão se pequei, olhai por mim!...

Não busco o paraíso... um teu *louvor* — 2.
Basta para um mortal que se perdeu
Nas lides dum viver de fel e dor!

E Jesus, ai de mim! — emmudeceu...
Porém, tu, choras Ilda — ó alma pura
Como os anjos que vivem lá no Céu —

A minha compungente desventura

Lisboa *Fero (L. A. C.)*

SINCOPADAS

2) Não havia, com certeza,
Por aquela região
Um olhar com tal beleza,
Nem mais belo coração!

Ao percorrer essa aldeia,
Escondida e pequenina,
Certa tarde, eu encontrei-a.
Era formosa e divina!

Prêso de amor me senti
Ao ver essa divindade,
Em que logo pressenti
A minha felicidade.

Casámos pouco depois.
Um só corpo — uma só vida,
Pensamos formar os dois,
Mas a idéia foi traída!

Lua de mel adiante,
O meu peito ardendo em brasa,
Como fiquei radiante,
A' noite, ao chegar a casa!

Porém — tragédia sombria! —
Dêsse meu bem verdadeiro,
Lindo sol que se escondia,
Todo o corpo era *trigueiro!*

Não contente, o Criador
Fez ainda muito mais:
Cravejou o meu amor
No *pescoço* de sinais!

Divórcio, bem entendido,
Foi proposto e foi aceite.
Não queria ser marido
De mulher café com leite!

Da lição tirei partido.
Não me engana nova «prenda»...
Quando quizer ser marido
Vejo primeiro a fazenda... — 3-2.

Lisboa *D. Trovador*

3) Amigo, não me convença,
Que é mau o tempo das uvas.
Eu regeito essa *sentença*, — 3.
Odeio a *estação das chuvas.* — 2.

Lisboa *Bacamarte*

MEFISTOFÉLICA

4) *Luto* muito p'ra vender
Não me canço de agitar,
Revolver e *remexer*,
Tudo para triunfar. — (2-2) 3.

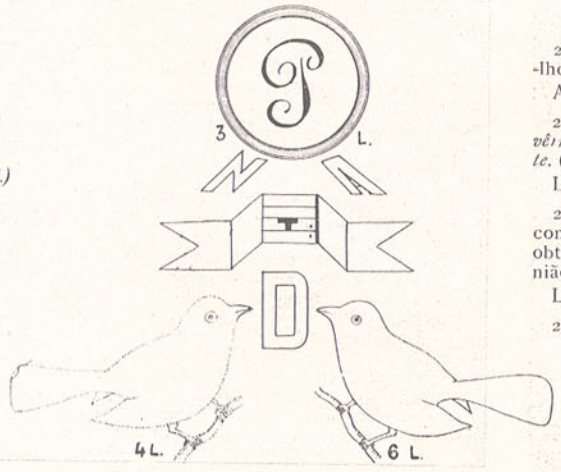
Lisboa *Fandelirio*

ENIGMAS

5) No aspecto uma mulher
A ninguém deve enganar.
Sendo boa deve ser
Pessoa de *venerar*

Lisboa *Lord X*

25) ENIGMA FIGURADO



Lisboa *Infante*

I

6) Com duas letras,
Das invogais,
'Ma *carruagem*
Num pronto achais.

II

7) Se acaso entre dois zeros
Colocar *cem*, sòmente,
Verá que o tomam logo
Como um louco, um *demente!*

III

8) Com duas letras,
Das invogais,
Mulher brejeira
Logo topais.

Luanda *Ti-Beado*

TRABALHOS EM PROSA

NOVÍSSIMAS

9) Se me *ralha* e *censura* é porque me esqueci do *recado?* 2-2.

Lisboa *Rei-Mora*

10) No inverno *até* o *gemicar* faz *tremer de frio.* 2 2.

Lisboa *Ti-Beado*

11) Não faças tanto *ruiao*; «*nota*» que não sou da tua *laia.* 2-1.

Luanda *Zé da Eira*

12) Com um *tecido leve e transparente* forrei a garganta para que a *brisa* me deixasse *cantar* à vontade. 2-1.

Luanda *Dr. Sicascar (L. A. C.)*

13) *Desisto* ante a *dificuldade* de atingir o *flanco* fortemente *protegido.* (2-1) 2.

Lisboa *Jónio (L. A. C.)*

14) *Elevar* o charadismo deve ser «*a*» nossa *vaidade.* 2-1.

Lisboa *Mirones (L. A. C.)*

15) Esta *ave galinácea não* vive com a *mulher idosa.* 2 1.

Mefistófles.

SINCOPADAS

16) A *donzela salta* bem à corda. 3-2.

Luanda *Zé da Eira*

17) Eis um *livro* que se lê com *ardor!* 3-2.

Lisboa *Nita*

18) Sinto uma *paixão predominante*, quando da *perseguição* a uma mulher bonita. 3-2.

Luanda *Dr. Sicascar (L. A. C.)*

19) Receio, *principalmente* o *fim* da vida. 3-2.

Alijó *Polybo (L. A. C.)*

20) Todo o *caloiro* tem por «*patente*» uma «coroa». 3-2.

Luanda *Mrs. Le Bossat*

MEFISTOFÉLICAS

(Ao Ex.mo Sr. Director)

21) *Na qualidade de* principiante na *arte*, peço-lhe um acolhimento *favorável.* (2-2) 3.

Alijó *Polybo (L. A. C.)*

22) *Diante de* graves acontecimentos, um *govêrno* previdente, deve precaver-se *prèviamente.* (2-2) 3.

Lisboa *Tarata*

23) Conheci um *cúmplice de carteiristas*, que conseguiu adquirir a necessária *cultura*, a-fim-de obter a *permissão de falar* em qualquer reünião. (2 2) 3.

Luanda *Ti-Beado*

24) Em tôda a minha *vida* senti *aversão* pelo *diabo.* (2-2) 3.

Lisboa *Jofralo (T. E.)*

Tôda correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: **Isidro António Gayo**, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

NATAL — FESTA DA ALEGRIA

Para festejar o nascimento do Menino Deus, numa humilde gruta de Belém, há dois mil anos, movimenta-se o mundo inteiro.

Dos países gelados do Norte, Santa Claus, o velho pai Natal, vesse embrulhado no seu casacão de veludo vermelho ornado a peles, com o seu capuz na cabeça, a sua imensa barba branca como a neve que cobre o seu país de sonho, às costas o seu saco sem fundo, cheio de brindes, brinquedos para as crianças, caixas de bombons para as gulosas raparigas, que o espreitam, e, tudo aquilo com que durante o ano se sonhou e que Santa Claus adivinhou dar prazer, numa admirável intuição, que os seus inúmeros afazeres, não destroem.

Santa Claus é a personificação do Natal nos países gelados do Norte, onde os famosos pinheiros, estão nesta época transformados em árvores de cristal e onde o Natal é personificado por um serão familiar junto ao fogão crepitante de lenha, que junta ao aquecimento central, a alegria do seu calor, numa ceia em que figura como prato principal e tradicional ganso lardeado e num canto da sala brilha a árvore de Natal. Cheia de luzes, alegre e prometedora, esperando a passagem do velho pai Natal que faz desabrochar as gargalhadas das crianças e desabrochar sorrisos comovidos nos adultos, que sentem na intuição, com que são escolhidos os brindes, o afecto dos seus, que os rodeiam de carinho.

No centro da Europa, na velha França é a tradição do sapatinho na chaminé, que se impõe. Grandes e pequenos, velhos e novos esperam, que o Menino Jesus desça pela chaminé e lhes deixe nos sapatos a lembrança que esperam e que em geral recebem.

E como é gracioso ver nessa noite na chaminé, lado a lado, o grande sapato do pai, visinhando com o elegante sapatinho de salto alto da mãe, e rodeados de sapatinhos de vários tamanhos.

E que gritos de alegria na manhã seguinte ao descobrirem as ofertas do Menino Jesus e como é simpática a inocência das crianças que vêem assim premiadas as suas boas acções e se julgam merecedores da visita do Menino Jesus descido nessa noite ao mundo.

A quantas noites de Natal não assiste quem percorre o mundo e como são variadas as suas manifestações, mas a verdade é que tôdas são a imagem da alegria que trouxe ao mundo, Jesus Cristo Nosso Senhor, quando nasceu.

Com êle nasceram a Bondade e a Caridade, o respeito pelos pobres, o amor pela humanidade. Nasceu como pobre e tornou-se humilde, para nos mostrar que os humildes são dignos de todo o respeito e de todo o amor.

Uma das mais graciosas manifestações de Natal é a que fazem os pretinhos de Cabo Verde, na noite de Natal. Grupos de crianças envoltas em longas camisas brancas, percorrem as ruas da Cidade da Praia, na ilha de S. Tiago

Conduzem um pequeno presépio e empunham velas, e diante de tôdas as casas param e cantam as suas canções, em que pedem algumas moedas, para festejar o Natal. Nada mais encantador do que o canto dêsses pretinhos na dôce língua creoula e a sua alegre entoação, festejando o branco menino, que levam triunfalmente, e, nessa noite tôda a cidade, em geral, pacata e silenciosa, está brilhante de luzes e de cantos.

Quem é que hoje, não festeja o Natal, vivendo a vida elegante, nesses «reveillons» que os hoteis da moda organisam?

Passa-se a noite dansando, bebendo, flirtando, não é uma maneira muito louvável de festejar Aquele que veio ao mundo, trazer a guerra ao pecado e fazer ver que a melhor maneira de gastar dinheiro, é a caridade. Mas no fundo é ainda uma comemoração ao Seu Nascimento, que fazem inconscientemente e por tradição, mas que é uma homenagem.

Em Portugal onde melhor se comemora é nos velhos solares de província onde ainda se vive a interessante vida dos senhores de terras.

A consoada faz-se à hora do nosso jantar. Vigilia de Natal, abstinencia de rigor. Caldo verde delicioso, êsse delicioso caldo feito de couves frêscas, que uma hora antes estavam na horta e que as geadas tornaram tenras e quebradiças como vidro.

Bacalhau cozido com couves e batatas, arroz de bacalhau com bolinhos, rabanadas e bolinhos de jiremú, são a sobremeza, vinho quente com mel, é servido a todos que rodeiam a mesa, a família, corações todos unidos nos mesmos afectos e para quem aquela reunião, verdadeira festa da família, representa o cúmulo da felicidade e a melhor festa do ano.

Filhos vindos de longe, netos que ainda se não conheciam, irmãos que há muito se não viam, primos que durante o ano quási se não vêem e todos em volta da mesa, troncos duma mesma árvore, cujas folhinhas tenras, as crianças representam com a mais esfusiante alegria, vivem horas de verdadeiro afecto, de que não são excluidos os que já desapareceram e são lembrados com uma furtiva lágrima, a melhor homenagem que à sua memória se póde oferecer.

O serão passa-se em folguedos, em recordações e às 11 e meia, a capelinha cintilante de velas, cheia de flores e de verdura com o velho presépio, que há séculos foi venerado por amor, recebe e acolhe todos, família e creados, para a missa da meia noite.

Lindos hábitos, costumes patriarcais, conservados aqui e ali por essa província fóra. Verdadeira festa da família, que aquece os corações e os une em mais apertados laços.

Cada país festeja o Natal de sua maneira e em tôda a parte a idéia da família predomina com excepção dos grandes meios onde o restaurante e o «dancing» substituem o lar tão abandonado, e, reduzido quási à proporção de hotel para descansar algumas horas, da tarefa de divagar e correr dum lado para o outro num enervamento doentio.

As raparigas bonitas recebem nêste dia inumeras lembranças e caixas de «bombons» dos seus pares de dança, dos seus ademiradores, que se vem fazer lembrar e não é pequeno o triunfo mostrar às amigas que fôram contempladas com numerosos brindes, mas já na sua alegria se nota um pouco de vaidade, de desejo de ter mais lembranças, do que aquelas a quem as mostram. Não é já a pura e inocente alegria das creanças que se sentem satisfeitas de terem muitos brinquedos e que gozam assim com a maior satisfação o seu Natal.

Festa da família, e nêste dia que mais se demonstra, que a família que falsas e nocivas idéias querem desagregar, tornando o homem uma máquina de obediencia, ou um monstro de feroz egoismo, é ainda uma força da sociedade, a maior de tôdas, aquela que nos seus laços de afecto aperta docemente a humanidade, fazendo-a desejar engrandecer-se para satisfação dos seus.

E é bem necessário que a família se torne cada vez mais unida e forte numa compreensão nitida e clara dos seus deveres uns para com os outros, na assistência, nas desgraças e na alegria e compartilha-la com um coração ardente de afecto.

Só assim se póde fazer a vida de família, essa vida, que faz com que ao fazer-se um casamento, se funde um lar onde brilhe o farol do amor a iluminar, todos os sacrifícios, que pela vida fóra são necessários, e a animar tôdas as glórias e tôdas as satisfações, que nela florirão, como os arbustos e as sebes na primavera.

Festa da família, que se estremece e festa da família humana, o Natal é a festa da alegria, é como a estrelinha que nos céus do Oriente guiou os reis Magos através dos desertos arenosos da Síria levando-os pelos campos da Palestina, pelos montes e colinas, até à pequena gruta de Belém, onde nascera um menino para viver para os homens e para por êles sofrer e morrer, trazendo-lhes a suprema alegria da redenção.

Natal, festa da alegria, festa das crianças, festa dos que se amam, festa dos corações que o afecto aquece, que seja a festa de todos e que os corações que isolados se sentem nêste dia de alegre convívio, saibam que na família humana há um pensamento para êles, e, não estão sós, vivam no nosso país, vivam noutro qualquer, até aos antipodas, enviemos nêsse dia um pensamento aos que estão sós e através do espaço êles sentirão o Natal, dia de festa, festa da Alegria.

Por um prodígio de fé, êste pensamento como se obedecesse a uma poderosa telegrafia, abarcará os continentes de polo a polo, e ligará as almas no mesmo júbilo.

Maria de Eça.

Vi num jornal há tempos que o Sr. Governador Civil, que tanto se tem interessado e com tão inteligente carinho, pelas obras de beneficência de tão alto valor social, resolvera festejar o Natal dêste ano distribuindo esmolas e agasalhos aos pobres.

Soube também que Sua Excelência mandou distribuir lá para fazer abafos, a tôdas as senhoras que a requisitassem, e, assim o auxiliassem na sua tão simpática e louvável iniciativa, e que a asilos e obras onde estão raparigas albergadas, recolhidas e protegidas, também foram mandadas lãs, para que, essas, já ao abrigo da fome, com o socorro da instrução, contribuissem com o seu trabalho, para socorrer os seus irmãos mais desprotegidos.

Pobres também elas são, esmolas não podem dar, mas dão o seu trabalho, esmola bemdita, que melhor não a pode haver.

Esta ideia de pôr a trabalhar para os que nada têm, aqueles que já são socorridos e não só encantadora, como a mais bela prova de que a solariedade humana existe.

As esmolas que representam a Caridade são sempre impressionantes, pelo que representam, mas não admira, que quem muito tem alguma coisa dê, daquilo que lhe sobra, e, que tem mesmo o restricto dever de repartir.

O que é emocionante é pensar que os que nada têm, contribuem com o seu esforço, para que seja menos dolorosa a festa do Natal, para que os desamparados da sorte, os infelizes, que anceiam por um bocado de pão e não o têm, tiritam de frio neste álgido Dezembro e não têm com que se cobrir.

Pensar que a esmola bemdita do trabalho, que sai das mãos das crianças e das mulheres, que a Caridade recolhen, vai livrar do frio perigoso, uma mãe que cria um filhinho, uma criança que chora e não compreende, porque não tem com que se cobrir quando o frio a enregela, é emocionante não pode haver Natal mais belo do que aquele que leva aos pobres um alívio ao seu sofrimento.

Há alguns anos que aqui, peço às minhas leitoras, neste tempo a sua esmola, para que seja mais alegre o seu Natal. Natal representa a redenção do Mundo e a aparição nele da Caridade.

Quem é que até ao nascimento de Jesus Cristo se tinha interessado pelos humildes, pelos que nada têm?

E' pois justissimo que o Natal seja festejado com a mais bela festa, a dos pobres, que nesse dia em que todo o Mundo católico e não católico, porque o Natal está absolutamente admitido, em países de tôdas as crenças, e, é festejado por aqueles que nada crêem, se regosija em alegres festejos, que os necessitados tenham um dia menos amargo que os outros.

Que uma refeição melhor os alegre e que tenham nesse dia, com que se defender do áspero frio.

Assim o Natal que é a festa da família, espande-se na festa na família humana, não é só junto daqueles, que são a nossa própria família, aquela, que estimamos, que adoramos, que connosco a festeja, mas todos os que sofrem e que são nossos irmãos.

Amai-nos uns aos outros foram as palaeras de Aquele de quem comemoramos o aniversário e que melhor maneira pode haver de o comemorar do que suavizando sofrimentos, enxugando lágrimas, fazendo desabrochar sorrisos em lábios desacostumados a alegres manifestações.

E como as crianças que esperam anciosamente esta festa que é a delas, devem ser também associadas a estas obras de beneficência, dos muitos brinquedos que têm, que dêem um a uma criança pobre, que não sabe o que é um brinquedo.

Que os seus coraçõezinhos ternos se habituem a ter alegria com o bem que fazem e a não ser egoísta, vivendo apenas para as suas próprias alegrias.

O egoísmo que tem invadido o Mundo é a origem de todos os males, que afligem a sociedade de hoje. E' preciso combatê-lo, é preciso que às nossas alegrias juntemos as alegrias dos que poucas têm neste Mundo, e, que um pouco da sua tristeza se una às nossas tristezas.

Natal dos pobres, Natal de todos nós, que êle floresça por êsse Portugal fora numa messe de Caridade, que êle seja a verdadeira festa da família humana, e, que nesse dia em que mais do que qualquer outro êle deve ser o penhor da fraternidade humana, não haja um lar sem pão, um coração sem alegria, lábios sem sorrisos.

E que o chilrear alegre das crianças, substitua a chilreada dos passarinhos, que o frio emudece.

Natal de Caridade, Natal bemdito que levanta nas almas a chama do bem, a alegria de dar, a felecidade de socorrer.

PÁGINAS FEMININAS

Que ninguém se esqueça dos pobres, e que êles possam sentir que é Natal, a festa da alegria, a festa das crianças a festa de todos aqueles, que vivem debaixo do céu suave dêste país, e, por todo o Mundo a humanidade deixe de se despedaçar em guerras que não teriam sentido se todos se amassem e vivessem no respeito mútuo e na fraternidade, que há tantos séculos o Natal nos trouxe no sorriso dum Menino Deus.

Natal bemdito, Natal dos pobres, Natal de todos.

MARIA DE EÇA.

A moda

REQUINTADAMENTE elegante a moda dêste inverno, apresenta-nos elegantissimos modêlos dum «chic», que torna a mulher deslumbrante.

E para notar a volta do uso dos casacos de pele, que tinham sido um pouco postos de parte, nos últimos invernos.

As peles triunfam de novo, não só como casacos e capas, como também como guarnição. As golas de pele amplas e confortáveis, as barras em volta dos casacos e tôda a qualidade de guarnições enriquecem e tornam confortáveis as «toilettes» dêste ano.

E é muito racional que assim seja, pois nada há tão confortável como as peles, no inverno, e nada torna a mulher tão bela como as peles. Uma bonita pele emoldurando um lindo rosto, faz sobresaír a frescura e a beleza que dêle irradiam.

Vamos pois analisar vários modêlos em peles que são dum «chic» autêntico e que realçarão sem dúvida a beleza e a elegância das nossas leitoras.

Virginia Bruce, a elegante estrela da Metro Goldwin Mayer, apresenta-nos um rico e lindo modêlo duma capa em rapoza cinzenta, forrada de lamé de prata e cinzento. É usada com um vestido de veludo preto e apresenta-nos a novidade das meias de seda preta, que voltam a fazer a sua aparição.

O chapelinho muito baixinho oferece novidade em contraste, com alguns chapéus altissimos, que se vêem êste ano, é em veludo preto com uma guarnição em prata e cinzento. O amplo véu completa graciosamente êste elegante conjunto.

Para género mais simples temos um bonito casaco em «agueen des sudes» preto, da maior simplicidade a sua elegância está na beleza da pele e na perfeição do córte, que o faz aderir ao corpo como o tecido mais maleável,

Um simples e gracioso chapéu preto, em feltro tendo uma guarnição em pena branca, acompanha êste lindo modêlo e faz com que melhor realce a sua elegância discreta.

Outra interessante estrêla do cinema mostra-nos uma simples e bonita «toilette» de inverno. Maureen O'Sullivan tão célebre pela sua elegância, que faz realçar a sua beleza e a tornam uma das mais queridas artistas da Metro Goldwin Mayer, mostra-nos como se usa com graça um casaco de peles.

Sôbre um elegante e simples vestido em lã beije, cuja guarnição é apenas feita com uns botões em coiro castanho, e, um cinto em pelica doirada, fechado por uma fivela em coiro castanho, traz um lindissimo casaco em «nisau», forrado a setim castanho. Na cabeça um elegante chapéu em «taupé» castanho. Sapatos, luvas e carteira castanha, completam essa simples e rica «toilette».

Há agora muitos casamentos e não devemos esquecer as noivas que esperam anciosas o modêlo para o vestido que as ha-de tornar belas e sedutoras, não só aos olhos daquêle que escolheram, mas de todos os que as contemplarão nêsse dia.

Este modêlo é um «lamé» de prata não tem guarnição alguma, e apenas o seu lindo córte o torna encantador e elegantissimo. Um véu muito leve e simples, seguro com uma guarnição de flores em pérolas.

É uma «toilette» suntuosa e muito elegante, porque alia ao luxo do tecido a simplicidade da confecção.

A política e a mulher

LUCY STONE foi no tempo em que ainda o feminismo era uma coisa que ainda se não falava a percurssora dessas idéias. Se vivesse hoje esta senhora teria 107 anos, era americana do norte e duma invulgar inteligência, que a impunha a tôda a gente.

Fazia discursos eloqüentissimos e escrevia artigos que a tornaram muito popular, chamando a atenção dos governantes, para as injustiças e desigualdades das leis e costumes do seu tempo no casamento.

Foi uma espôsa amantissima, mas nunca usou o nome do marido, porque achava êsse hábito um símbolo da sujeição das mulheres no casamento, e, uma falta de personalidade na mulher que nos países anglo-saxões perdem até o seu nome de batismo.

Casada com o sr. B. Blackwell, publicaram ambos um protesto contra a desigualdade de direitos do homem e da mulher no casamento.

É interessante conhecer êsse protesto que diz o seguinte:

«Por mútua e profunda afeição, tomámos publicamente o parentêsco de marido e mulher, mas fazendo justiça a nós mesmos, achamos do nosso dever declarar, que êste acto não implica a obediencia de escrava, da mulher, que a maioria teima em considerar um ente irracional, conferindo ao marido um injurioso e não natutural poder sôbre a mulher, poder êste, que nenhum homem honrado quererá exercer, e, que nenhum homem deve possuir.

Protestamos também contra as leis que dão ao marido todos os direitos e à mulher todos os deveres.

O que admira muito é ver que esta senhora de tão avançadas ideias, numa época em que a mulher nenhuma liberdade possuia, tivesse encontrado um homem que tão bem a compreendeu, e, que partilhou em absoluto tôdas as suas ideias.

Não surpreende pois, que Mrs. Lucy Stone tivesse sido uma esposa exemplar com um marido tão da sua feição.

Marcou na política do seu tempo, pela sua inteligência e bom senso, mas se voltasse a êste mundo Mrs. Lucy Stone, ficaria espantada do que caminharam as suas ideias, avançando até caminhos tão perigosos, que no seu tempo eram apavorantes.

Quem lança uma ideia não sabe nunca como ela germinará e se desenvolverá.

No seu país, hoje, a mulher faz uma vida tão livre como o homem, em compensação vão desaparecendo os casamentos felizes como o seu, na vertigem dos divórcios, que aumentam sempre.

O «Jazz-band»

ANUNCIA-SE continuamente que o «jazz-band» vai passar de moda, que já não ouviriamos mais a desentoada música acompanhada de gritos selvagens e de canções embaladoras.

Mas essa boa notícia é falsa, o «jazz-band» continua atordoando os ouvidos e actuando sôbre os nervos excitados dos jovens da actualidade.

E que má influência não deve exercer nos nervos já de si desiquilibrados, pela exgotante vida moderna, essa música estridente e desagradável.

Dizem que continua para dar trabalho aos músicos, que sofrem com a crise, mas um sexteto harmonioso e belo, mesmo uma orquestra não lhes daria tralhalho da mesma maneira sem nos escangalhar os ouvidos e sem excitar os nervos da assistência?

As valsas de Strauss, os tangos mesmo, soariam muito melhor e não dariam a todos os bailes êsse aspecto infernal, que os torna, não alegres, como pretendem ser, mas atordoadores e excessivamente fatigantes.

As distrações devem descansar e não fatigar mais os organismos que lutam pela vida, mas a gente de hoje, dá a impressão que corre para a morte numa carreira vertiginosa.

Higiene e beleza

MUITAS senhoras se lamentam de ter um excesso de gordura, que lhes produz em volta da cintura uns rolos. E' na verdade muito desgracioso e não há vestido que assente bem com tal grossura que deforma por completo a mulher elegante.

Para evitar êsse mal, fricciona-se, com uma loção que reduz a camada de gordura do estômago e em volta das ancas.

A receita é a seguinte:

Ioduro de potassa, 10 gramas, Vinagre seilítico 200 gramas.

Em seguida tomar banho em água morna na qual foi dissolvida uma mão cheia de sal grosso da cozinha. No caso de não ter possibilidade de ter uma banheira de imersão, esfregar o corpo todo com uma luva de esponja embebida em água e sal. Em seguida pôr os pés de môlho em água salgada.

Faz-se muito bem a circulação e sente-se um grande bem estar.

Para tornar a pele macia nada melhor do que deitar na água do banho meio litro de glicerina pura. E' um banho caro que dá o melhor resultado.

De mulher para mulher

Daisy: E' efectivamente um desporto muito interessante e que dá à mulher saúde e uma certa inergia moral e desembaraço. Em Lisboa tem vários picadeiros onde poderá receber as indicações. Não lhe posso indicar nenhum porque tendo sido uma entusiástica de equitação não aprendi a montar em Lisboa. O exagêro dos chapéus corrige-se fàcilmente escolhendo um mais moderado.

Videla: Não conheço o Porto, o bastante para lhe poder indicar o que me pede. Pode perfeitamente usar o casaco de veludo prêto, são sempre bonitos. O chapéu deve ser prêto, é sempre mais elegante. Encontra na Livraria Bertrand a «Maria Stuart» de Stephan Zevey.

Curiosa: E' natural que goste de aprender coisas úteis e que tôda a mulher deve saber. São óptimos êsses cursos de corte e habilitam as senhoras a fazer os seus vestidos com tôda a facilidade. Há também quem ensine a fazer chapéus. Não corte relações com essa senhora. E'

sempre desagradável e poderia dar lugar à má interpretação. Afaste-se pouco a pouco sem dar a perceber do que se trata.

Para o bébé é útil sair todos os dias, habitua-se a andar com todo o tempo e fortifica-o.

Receitas de cozinha

Bróas de mel: — Farinha de milho peneirada 3 litros, mel 6,6¹, Azeite fino 6,3¹, água 0,3¹, açúcar 300 gramas, canela em pó 10 gramas, cravinho da India em pó 10 gramas, cidrão em bocadinhos 100 gramas, massa de pão lêveda 300 gramas:

Pereira-se a farinha de milho para um alguidar vidrado. Num tacho junta-se o mel o azeite o açucar e a água, em que põe ao lume até que a mistura levante fervura. Deita-se então sôbre a farinha de milho e mexe-se com uma colher de pau, até encorporar a farinha com a mistura fervente, juntando alguma água quente se a massa estiver rija em demasia. Acrescenta-se depois a massa lêveda para pão de trigo e encorpora se com a outra; amassa-se bem à mão para ligar bem.

Tempera-se com a canela, cravinho e cidrão. Abafa-se e deixa-se em repouso por dois dias, pelo menos, para levedar.

Passado êste tempo tendem se as bròas em forma oval, dispõe em tabuleiros de ferro untados com azeite e levam-se ao forno a cozer, o forno deve ter o calor próprio para cozer pão. São estas bròas que pelo natal se vendem muito em Lisboa, mas que se podem fazer em qualquer época do ano.

Biscoitos de chocolate: Chocolate muito bom 100 gramas, ovos, gemas e claras 4, claras 8, açúcar pilado 300 gramas, farinha de trigo muito fina 800 gramas.

Batem-se durante uns vinte minutos o chocolate reduzido a pó fino, os ovos inteiros e o açúcar pilado; juntam-se depois as oito claras muito batidas, continua a bater-se a massa, deitando-lhe pouco a pouco a farinha de trigo.

Faz-se em seguida um tabuleiro de papel forte que se unta com manteiga e deita-se dentro dêle a massa batida, levando-o em seguida ao forno de calor brando.

Depois de cozida a massa tira-se ainda quente do tabuleiro e parte-se em fatias com uma faca de lamina delgada e bem afiada. Estes bolos são próprios para sobremeza, mas também se podem servir ao chá.

PIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — — — —
Copas — A. V. 5
Ouros — A. R. 5, 4
Paus — A. R

Espadas — 8 Copas — R. D. Ouros — D. 8, 7 Paus — 8, 5,3	**N** **O** **E** **S**	Espadas — D. V. 6 Copas — 8, 6, 4 Ouros — 10, 6, 3 Paus — — — —

Espadas — A. R. 3
Copas — — — —
Ouros — V. 9, 2
Paus — D. 9, 4

Sem trunfo. *S* joga e faz tôdas as vasas.

(Solução do número anterior)

S joga 4 *e.*, **O** — 7 *e.*, **N** — 9 *e.*, **E** — 5 *e.*
N joga R. *o.*, **E** — 3 *o.*, **S** — *c.*, **O** — 10 *o.*
N joga 3 *p.*, **E** — 2 *p.*, **S** — 6 *p.*, **O** — R. *p.*
O joga copas, **N** — 5 *p.*; se **E** recorta **S** faz restantes vasas, se **E** joga ouros, **S** — 4 *p.*
N joga 9 *o.*, **E** — ouros, **S** — V. *e.*, **O** — copas **S** faz 8 e 10 de paus.

Unhas pintadas

Tem havido quem pretenda que esta moda é de origem bastante recente e que veio da América onde certos cidadãos queriam dissimular a sua ascendencia negra, tingindo as unhas.

Esta teoria é aceitável. Mas não devemos esquecer que as damas egípcias pintavam as unhas e que, procedendo assim, não faziam senão imitar os mandarins chinêses, os quais, mil anos antes da nossa era, já usavam êste processo.

Na Europa, e na época da Idade-Média, a moda das unhas esmaltadas subsistiu durante muito tempo e só desapareceu na época da Reforma.

Em Inglaterra, manteve-se mais tempo ainda, até ao momento em que a raínha Vitória manifestou o seu descontentamento ao vêr algumas damas da aristocracia com as unhas coloridas.

Inovação original em matéria filatética

A administração dos correios e telégrafos, de Praga, pôz, há pouco, em circulação numerosas séries de sêlos checoslovacos.

Uma dessas séries é constituída por uma vinheta triungular; e será ùnicamente destinada à··· correspondência sentimental.

De facto, o emprêgo dêste sêlo fará com que o carteiro se considere obrigado a entregar a carta assim franquiada, em mão própria, ao seu destinatário.

Bibliomania

O doutor Teodoro Weslye Kach conta que, certo dia, um bibliomano inglês, soube que um colecionador parisiense possuia um livro muito raro. Imediatamente enche a carteira de notas do Banco e põe-se a caminho para Paris. Chegado ao seu destino, faz com que lhe mostrem o livro, pega-lhe com precaução, examina-o atentamente e oferece por êle 1.000 francos. O proprietário recusa vendê-lo por êsse preço. O inglês oferece então 5.000 francos, depois 10.000, 15.000, por fim 20.000 francos.

O colecionador aceita o negócio e recebe imediatamente a soma combinada. Depois instalam-se ambos junto do fogão O inglês folheia mais uma vez o volume, vira-o e revira-o e de repente deita-o para o lume. O coleccionador precipita-se para o salvar, mas o outro detem-no e exclama:

— Eu julgava estar de posse do único exemplar dêste livro. Vejo que havia dois. Agora já assim não é. Estou satisfeito. Adeus!

E, radiante, foi se embora!

Quadrado mágico

(Problema)

		6			
	7		10		
20				19	
	22				24
		14		23	
			33		

Com os que aqui faltam dos primeiros 36 números, preencham-se as casas do quadrado, de modo a obter se, em cada coluna tanto horizontal como verticalmente, o total de 111.

Os bichos de sêda

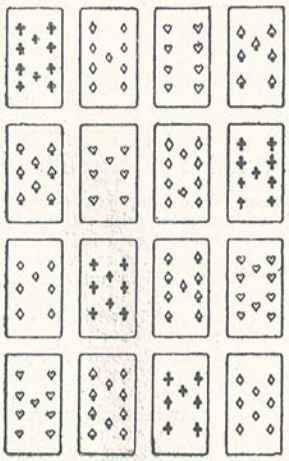
Tem havido várias controversias sôbre se fôram os chinêses os primeiros que souberam criar o bicho de sêda e imaginaram tirar partido do trabalho dêste. Do que não resta dúvida, porém, é de que os primeiros bichos de sêda bem como «a maneira de serem utilisados», fôram trazidos da India para a Europa, no século VI, por um grêgo chamado Cosmas Indicoplentes.

A borboleta pode encontrar-se em tôdas as partes do mundo, excepto na Islândia e no Spitzberg.

Fran Maria Schmidt, de Viena de Áustria, acaba de requerer divórcio no fim de 15 anos duma vida conjugal feliz, porque seu marido deu agora em coleccionar sêlos e esta ocupação, de tal forma o absorve que não faz caso da mulher.

Dez vezes a mesma soma

(Solução)



Eis a maneira de colocar as cartas para obter o resultado desejado.

O santo-graal

É muito citado nos livros de cavalaria da idade-média o objecto que tem esta designação, e que nem todos saberão o que seja. É um vaso de esmeralda, ao qual se atribui o mérito de ter servido a Jesus Cristo, na *Ceia*, e em que, depois, José de Arimatéa, recolheu o sangue que brotou do flanco do Crucificado, ferido pelo centurião.

A instituição dos Bancos remonta à mais alta antiguidade. Os documentos mais remotos ácêrca dêstes estabelecimentos de crédito são, certamente, os tejolos, cobertos de inscrições, encontrados na Mesopotamia. Gravados com um estilete e cosidos em seguida para tornar os caracteres indeléveis, alguns dentre eles são verdadeiras letras de câmbio e cheques pagáveis à vista, ao portador, etc. O primeiro Banco conhecido existiu em Babilónia, 600 anos antes da nossa era.

Um sapateiro de Londres calcula que, em média, gastamos por ano cinco centímetros de sola. Segundo êle, para que uns sapatos durassem tôda a vida, deveriam ter umas solas de três metros de grossura.

— Ó pai, anda vêr, que engraçado! O Rodrigo está-nos mostrando como é capaz de rasgar ao meio baralhos inteiros de cartas!

(Do *Humorist.*)

COLECÇÃO FAMILIAR P. B.

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluidas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, **ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma,** de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena raínha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segredo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal
Ilusão perdida

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. cartonado . . . **Esc. 8$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
75, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos
e todas as dôres de origem artritica

Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias

Produits BÉJEAN - Paris

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

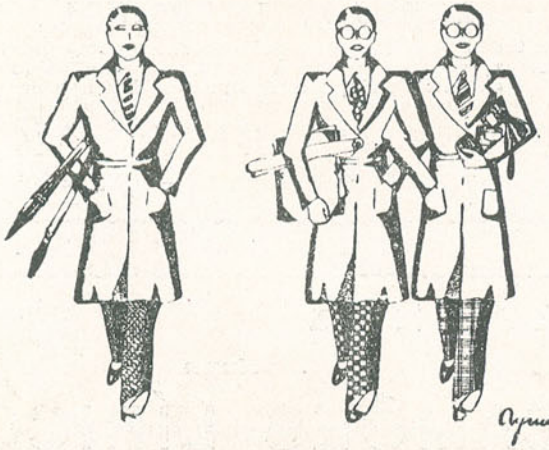
Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE 2 1308

BERTRAND IRMÃOS, L.DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Estoril-Termas

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico

PARQUE DO ESTORIL
ABERTO TODO O ANO

Banhos de água mineral e de água do mar quentes, Banhos CARBO-GAZOSOS, Duches, Irrigações, Pulverizações e Inalações, etc.

ONDAS CURTAS. DIATERMIA. Raios Ultra-violetas e Infra-vermelhos. Electricidade médica. MECANOTERÁPIA e Maçagens.

MAÇAGISTAS ESTRANGEIROS ESPECIALIZADOS
CULTURA FÍSICA
AQUECIMENTO CENTRAL

Consulta médica das 9 às 12 — Telef. E. 402. (P. B. X.)

À VENDA

AQUILINO RIBEIRO

O GALANTE SÉCULO XVIII

Textos do CAVALEIRO DE OLIVEIRA

1 volume de 324 págs., broc. . . . . **12$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A PROSA ADMIRAVEL DUM GRANDE ESCRITOR

À venda a 3.ª edição de

NEVES DE ANTANHO

do CONDE DE SABUGOSA

Ignez Negra. — Amores do Senhor D. Jorge. — D. Brites de Lára. — Um romance na Côrte de D. João III. — Desculpa de uns amores. — A filha de D. Pedro Nunes. — Sóror Violante do Céo. — D. Francisco Manoel de Melo. — Antónia Rodrigues. — Amor aos livros. — Ramalho Ortigão. — Um beija-mão de Ano Bom no Paço da Ajuda.

1 volume de 318 págs., brochado . . . . . **12$50**
Pelo correio à cobrança mais 2$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda

SAMUEL MAIA

ÊSTE MUNDO E O OUTRO

O outro mundo — Arca de Noé — Êste mundo de agora (1930) — Tempo de 1932 — Tempo de 1935 — Tempo de 1936 — Juizo final

1 volume de 298 págs., brochado . **12$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

LIVROS DE ESTUDO

para o ensino infantil, primário, secundário, superior e técnico

NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Livros de Medicina
Livros de Direito
LIVROS COMERCIAIS E INDUSTRIAIS
Dicionários portugueses

de Cândido de Figueiredo,
Biblioteca do Povo e outros e de tôdas as linguas

TODOS OS LIVROS DE ENSINO

para os liceus, escolas infantis, primárias, secundárias, superiores, técnicas e comerciais, e todos os

LIVROS DE LITERATURA

de todos os editores, tanto nacionais como estrangeiros, são remetidos à cobrança para todos os pontos do País, e encontram-se à venda na

LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

À venda a 3.ª edição

BERNARDES

DA ANTOLOGIA PORTUGUESA
Organizada pelo Dr. **AGOSTINHO DE CAMPOS**

2 volumes de 274 págs. cada um, broc. Esc. 24$00
Pelo correio à cobrança, Esc. 27$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

À VENDA

o 5.º volume

CAMÕES LÍRICO

(CANÇÕES)

PELO DR. **AGOSTINHO DE CAMPOS**
Este volume completa a obra **Camões Lírico**, da Antologia Portuguesa

1 vol. de 320 págs. broch. ..... **12$00**
Pelo correio à cobrança..... **14$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTIFICAS
RESULTANTES DE PROFUNDAS
INVESTIGAÇÕES

Estudos sôbre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINE

Curiosas divulgações sôbre o Destino. A vida do homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas rugas da testa e regulada pelas influências astrais

A quirologia é uma ciência, e como tôdas as ciências, está baseada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto, por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

Conhecimento dos carácteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da fronte.
As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodiáco.

Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, **Esc. 10$00**, pelo correio à cobrança, **Esc. 12$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

Uma boa colecção de livros de grandes autores dá categoria a quem a possue

A LEITURA DELEITA E INSTRUE

VENDAS A PRESTAÇÕES

ENTREGA IMEDIATA DAS OBRAS
contra o pagamento da 1.ª prestação

A LIVRARIA BERTRAND

estabeleceu um sistema especial de vendas que denominou

Crediário Cultural

Por êste sistema, — novo processo de vendas adoptado nalguns países da Europa e especialmente da América, — contribue-se para a cultura dum povo, facilitando-se a aquisição das obras dos mais notáveis autores.

Prestações mensais desde vinte e cinco escudos, segundo a importância da compra, **sem fiador, sempre com a bonificação do sorteio e com direito à escolha de obras mencionadas em catálogo especial.**

O comprador favorecido com o sorteio não paga mais nada, saldando assim a sua conta apenas pelo que tiver pago.

Peçam catalogos e informações á

LIVRARIA BERTRAND

A mais antiga livraria de Portugal

Rua Garrett, 73 — LISBOA

Dicionários escolares

Redução de preços dêstes Dicionários para auxiliar a população escolar

DICIONÁRIOS DO POVO na ortografia oficial, portateis, economicos, completos, em volumes encadernados

Português — 860 págs.	**12$00**
Francês-Português — 800 págs.	**13$50**
Português-Francês — 818 págs.	**13$50**
Inglês-Português — 920 págs.	**13$50**
Português-Inglês — 644 págs.	**13$50**
Latim-Português — 1.128 págs.	**25$00**
Francês - Português e **Português-Francês,** num só volume	**25$00**
Inglês-Português e **Português-Inglês,** num só volume	**25$00**

Os melhores e mais baratos

Fazem-se remessas à cobrança

À VENDA NAS LIVRARIAS

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 — LISBOA

Prémio Ricardo Malheiros

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

TITÚLOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Snr. «Mariquinhas» — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... em bainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . **12$00** enc. . . **17$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS
DE
JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ... 1$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PATRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

ASSINATURA EXTRAORDINÁRIA

para venda dos últimos exemplares desta edição

Os três volumes da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são **um álbum e guia da literatura portuguesa** contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, **gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc.** O volume 1.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro, o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fora do texto e 2.157 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, é escrita pelas **mais eminentes figuras da especialidade,** nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos **A. Botelho da Costa Veiga, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Alfredo Pimenta, António Baião, Fidelino de Figueiredo, Gustavo de Matos Sequeira, Hernâni Cidade, Joaquim de Carvalho, José de Figueiredo, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge,** etc., etc.

Cada fascículo de 32 páginas, profusamente ilustradas,

Esc. 10$00

Aceitam-se assinaturas para todos os pontos do país

Examinem o fascículo-espécime em qualquer livraria

ou na

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett — LISBOA

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade — Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica — Géneros alimentícios — Lavagens — Colas — Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais domésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação — Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Tecidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . **Esc. 30$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Venda a prestações contra entrega imediata da obra.

O cliente paga a 1.ª prestação e pode levar para casa os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por uma deminuta importância

HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS

antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17 cm. × 26 cm., 18.948 págs., 6.148 grav. e mais de 50 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.º prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.ª prestação, pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA